

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC - SP

carú - *ynymagynável* - de paula seabra

jornal da exystêncyá: conjurando terrytórys férteys  
em tempos de fym de mundo

mestrado em psicologia clínica

São Paulo

2022

**carú - ynymagynável - de paula seabra**

**jornal da exystêncyá: conjurando terrytórys férteys  
em tempos de fym de mundo**

**mestrado em psicologia clínica**

Dissertação apresentada à banca  
examinadora da Pontifícia Universidade  
Católica de São Paulo, como exigência  
parcial para obtenção do título de  
Mestre em Psicologia Clínica sob a  
orientação da Profa. Dra. Suely Belinha  
Rolnik.

São Paulo

2022

**carú - ynymagynável - de paula seabra**

**jornal da exystêncyá: conjurando terrytórys férteys  
em tempos de fym de mundo**

dissertação apresentada à banca  
examinadora da pontifícia universidade  
católica de são paulo, como exigência  
parcial para obtenção do título de  
mestre em psicologia clínica sob a  
orientação da profa. dra. Suely Belinha  
Rolnik.

aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca examinadora**

---

Profa. Dra. Suely Belinha Rolnik  
(orientadora)

---

Profa. Dra. Denise Ferreira da  
Silva

---

Prof. Dr. João Percy Schiavon

HA'EVEte vó  
**para ty onça**  
para nós parentes



o presente trabalho foi realizado  
com apoio das bolsas emergenciais  
concedidas pela fundação são paulo  
- FUNDASP.

no dya que era possývel yr,  
me lembrou de fycar, agradeço  
a ty vó.

aos parentes não humanos.

às águas, aos ventos.

aos mays velhos, que  
percorrem essas águas desde  
antes me ser possývel sentyr  
a correnteza.

aos de amanhã.

aos de ontem.

aos de agora.

aos amygos e às amygas mays  
antygas

aos cães e aos felynos que me  
acompanham.

às onças que me guardam.

aquy deyxó o anúncyó para  
fertylydade, começando muito  
depoys e antes do agora.

HA' EVEte

“avistei na montanha mais baixa, nos escombros da velha rodovia, para não se afogar na maré alta, a criança pequenina virou pássaro!! amarelinho voou, e na beira mais segura dos escombros, onde a água já não mais alcançava, em segurança, vi voltar a ser criança!” - contou afoito um senhor de 79 anos ao jornal da exystêncyá dias após a ynundação.



**autor:** carú - ynymagynável - de paula seabra

**título:** jornal da exystêncyá - conjurando  
terrytóryos férteys em tempos de fym de mundo

**resumo:** O jornal da existência visa habitar a travessia do tempo linear colonial, capitalístico, racializante. Manifesta-se sob um irreduzível compromisso ético e político que a clínica prescinde: a conjuração do que impede que a pulsão de vida prevaleça na condução da existência. Uma clínica radicalmente comprometida com a criação de possibilidades para vidas dignas, buscando a garantia da autonomia, ainda que (e sobretudo) em contextos de extrema violência e sofrimento psíquico. Neste sentido, a presente dissertação se inscreve no campo das distintas teorias e práticas da Psicologia que buscam enfrentar os pontos de asfixia do presente, contribuindo para sua transformação - neste caso, no plano específico da subjetividade.

**palavras chave:** território, corpo, rastro-resíduo, encruzilhada, cura.

**author:** carú - ynymagynável - de paula seabra

**title:** Journal of the existence: conjuring up fertile territories in times of the end of the world

**abstract:** The Journal of Existence aims to inhabit the crossing of the colonial, capitalistic, racializing linear time. It manifests itself under an irreducible ethical and political commitment that the clinic prescinds: the conjuration of what prevents the pulse of life from prevailing in the conduction of existence. A clinic radically committed to the creation of possibilities for dignified lives, seeking to guarantee autonomy, even if (and especially) in contexts of extreme violence and psychic suffering. In this sense, this dissertation is inscribed in the field of distinct theories and practices of Psychology that seek to confront the choking points of the present, contributing to its transformation - in this case, in the specific plane of subjectivity.

**keywords:** territory, body, trace-waste, crossroads, healing.

um guya para o agora

jornal da exystêncyã

- os olhos que comem ossos -

---

p.12

1° conjuração

---

p.30

anúncio 1

---

p.34

ynundação 1

---

p.45

ynundação 2

---

p.58

ynundação 3

---

p.62

cartas para ynymagynáveys

- guardiões de transmutação -

---

p.83

anúncio 2

---

p.92

anúncio 3

---

p.103

feytyço de menyno

---

p.112

## Referências Bibliográficas

---

p.113

## **jornal da exystêncyã**

um dispositivo de registro. se propõe a alcançar todos os corp(terrytóry)os que tiverem em sua memória o registro da vida que redigiu os anúncios de cada edição. o jornal da existência como a possibilidade de atravessar o tempo linear colonial, capitalístico, racializante<sup>1</sup>. um exercício pela manutenção e criação do que pode uma vida comprometida com o viver. o jornal da exystêncyã é a possibilidade de ynymagynar , anunciar e compartilhar além o dito presente. não tem data de início ou fim; é datado de mil épocas, escrito em mil tempos, para todos os tipos de corp(terrytóry)os vivos. o jornal da exystêncyã é um dispositivo que busca o registro daquilo que os olhos que comem ossos nos tiram.

---

<sup>1</sup> Suele Rolnik.

## os olhos que comem ossos

na curva do rio que fica depois dos entulhos ao sul da clareira maior, kurupyra nos contou talvez uma das mais comoventes e brilhantes histórias sobre os ``olhos que comem ossos'', e como tem sido o mundo após os olhos alcançarem toda a população de ditos humanos.

kurupyra, que nunca deixou o centro da floresta, permitiu a troca na curva do rio, próximo à clareira maior, onde reside junto do porco selvagem. lugar que antes marcava o ponto zero da cidade de são paulo. após a cidade ruir e a floresta retomar seu território, ainda é possível ver muitas construções de pé, mas a grande maioria se transformou em entulhos, pedras, que foram tomadas pela flora da mata atlântica.

a maioria das pessoas que sobreviveu ao colapso do mundo que se conhecia descobriu uma vida debaixo da terra, nas cavernas e nas instalações hiper equipadas com tecnologia capaz de controlar a entrada e saída de ar de toda e qualquer instalação ligada ao mesmo sistema operacional. tecnologia de guerra. alguns países já vinham produzindo essas grandes caixas subterrâneas há anos. após o colapso em 2020, esta se tornou a única opção para vidas ditas humanas que seguem alimentando os olhos. dizem

que agora é possível ver os olhos com mais facilidade do que em qualquer outro momento que caiba na memória do mundo, o que causa um sofrimento grave e complexo de curar.

por outro lado, as vidas que se dispuseram a experimentar viver sob as novas (ancestrais) reorganizações de existência impostas com veemência e no tom que só o próprio ciclo da vida possui, estão, a cada ciclo vital dos seus, mais curadas da doença dos olhos; é um trabalho árduo, que vem exigindo coragem dos que optaram por enfrentar a ruptura e viver junto do todo. na superfície.

o jornal da exystêncyá vem contando as histórias dessas vidas que optaram pelo enfrentamento ao fim de um tempo na tentativa de manter o maior número de vidas informadas. ao recuperarmos a memória de idiomas que haviam sido comidos pelos olhos, voltamos a nos comunicar com grande parte dos seres da floresta, e outros que surgiram nesses últimos anos, e alguns que haviam desaparecido e retomam as superfícies. muitos desses são hoje os principais informantes sobre como a vida dos corpos comidos pelos olhos seguem se organizando debaixo da terra.

as edições do jornal da exystêncyá podem ser experimentadas e lidas em diversas linguagens e temporalidades. esta é a nossa primeira tentativa para o passado. escolhemos o relato do kurupyra por ser talvez o mais completo de informações sobre como funcionam os olhos e sua



mortalidade; kurupyra chega a propor inícios para esse processo de adoecimento, além de nos comover ao nos apresentar sua versão do que aqui já chamamos de ''a cura dos olhos''. esperamos que com este relato os que vieram antes possam sofrer menos, e aqui a vida também prosperar com os trabalhos de reequilíbrio caótico e ynymagynável de tudo o que é vivo.

## **em uma das sete voltas do ryo**

---

jornal da exystêncyá: obrigado por nos encontrar aqui, mesmo com as ventanias dos últimos dias, ainda que a temporada esteja no fim. sabemos dos perigos deste encontro.

kurupyra: o cheiro da terra molhada é bom, gosto, e você ofertou ótimos fumos. eles estão melhorando, assim como essa terra.

jornal da exystêncyá: aproveitando, acho que já pode imaginar o motivo dessa conversa; foi a mula sem cabeça quem me contou... talvez você pudesse nos falar sobre esses olhos comedores de ossos. poucos sabem identificá-los, e você teria sido o primeiro a contar coisas sobre eles aos ventos.

kurupyra: sabia que esse dia chegaria, o esperei por um bom tempo. demorei para soprar aos ventos, esperei ter mais informações e concluir algumas coisas. ainda que o que eu tenha para contar

sejam especulações. mas tenho a certeza no coração do que senti quando me vi frente a frente à mortalidade esquisita que olhos virulentos causam.

## **nascera da margem**

---

kurupyra: antes de chegarem por aqui, conhecia apenas suas histórias. sabia que moravam onde a luz sumia, e durante a noite faziam pequenos passeios pela neblina. acometiam alguns guerreiros encarregados de garantir que o dia nascesse, mas nunca havíamos visto algo como esses que hoje levam os ditos humanos às profundezas da terra. acho que esse pacto que os de calça comprida fizeram há muitas luas passadas causou mutações nos olhos, e de alguma forma, também nos de calça comprida; até infectar quase todo o pedaço de vida existente na superfície da terra.

antes de me retirar para o centro da floresta, aos pés da grande árvore, vi alguns casos. como ainda estava no começo por aqui a gravidade era outra, violenta e assustadora para aquele tempo, mas nada como o que vemos por essas terras nas últimas luas. me lembro de um, uma vida guerreira, quando conheci era pequena como uma pedra de rio, e foi na margem de um que nascera, não muito longe de onde estamos agora, em uma das sete curvas deste rio bem na nossa frente.

temi por seu espírito quando escutei seu choro, forte como de todos que nascem na margem do rio, entre a velocidade da água e a presença da terra; costumam nessa margem firmar um acordo de vida com a floresta, talvez por ajuda ao nascer. é preciso força para nascer na margem, onde se disputam forças. esses espíritos fazem tanta força para respirar o ar, que cheiraram o precipício e resistiram para nascer. são fortes, talvez por isso muitas dessas vidas dificilmente abandonam a noite na floresta. naquele tempo costumavam caminhar até a grande árvore; fossem de qualquer lugar desse território, sempre chegavam até ela, passavam a cuidar de tudo junto dela. garantiam que o dia nascesse e, por isso, conheciam muito bem a noite. foram eles os primeiros a nos contar algo sobre os olhos. depois de algumas luas não era mais possível vê-los - em corpo de carne - , mas como sempre falaram muito, sempre escutamos seus risos e histórias nos sussurros do vento. seus corpos, principalmente dos mais velhos, já estavam totalmente incorporados à floresta, e os mais jovens relataram escutar os sussurros dos antigos no coração, como guias.

essa vida guerreira que vi nascer veio do útero de uma das filhas da mata, mas seu pai usava calças compridas; por isso, ainda que seu espírito fosse guerreiro, ele havia nascido com a marca da memória de seus ancestrais que selaram esse pacto virulento. o que não impedia que escutasse no coração, e essa é uma informação importante! escute bem, os olhos e nada do que

veio dos de calças compridas é capaz de barrar a escuta dos sussurros no coração de um espírito guerreiro, mas se não tomarmos cuidado, os olhos comem a memória de quem se é. eles derrubam a ponte sensível da memória e a presença do espírito no corpo.

temi por esse espírito quando o vi respirar nosso ar e chorar. a vida não seria fácil para ele. uma dificuldade diferente, uma guerra ainda desconhecida, mas ele era forte. nascera para guerrear. deixei o outro lado do rio só depois que sua mãe respirava tranquila, e o choro havia se transformado em um sono profundo, o primeiro respiro daquele pequeno corpo. temia que o barulho chamasse a atenção de alguma onça por perto; ele não precisava de mais turbulências naquela noite.

2



3



os olhos que comem ossos

---

<sup>2</sup> olho que come osso - 2020, acervo pessoal.

<sup>3</sup> olho que come osso - 2020, acervo pessoal.

kurupyra: depois do dia em que presenciei esse nascimento, veja bem, não imaginei que veria outra vez essa vida, seu espírito. a floresta é grande, mas ainda assim eu o vi. algumas luas mais tarde, estava grande, o corpo certamente dava conta de longas horas de caça, falava bem, e não só a língua do povo de sua mãe mas também a de seu pai. seus olhos e cor da pele eram como de sua mãe, mas o nariz e a boca certamente de seu pai: finos, quase agudos; achei esquisito. reconheci pelo agudo no tom de voz. a floresta estava barulhenta naquele dia, muitas árvores caídas na região mais alta, depois de onde hoje é ali a clareira maior. no topo do morro, luas mais tarde, construíram grandes casarões por lá.

a vida, que era tão pequena na minha lembrança, naquela barulheira e violência ininterrupta, andava como uma pessoa importante para os do tipo de seu pai. parecia ter menos vida do que eu me lembrava. tratei de perguntar para uma coruja alojada bem no topo da árvore, onde o céu se mistura com o sol e as outras estrelas: o que faziam aqueles de calças compridas e os guerreiros nascidos nas margens com as árvores? a coruja não hesitou em me relatar que os espíritos daqueles guerreiros estavam sendo comidos. me mostrou como ver alguns sinais... foi a primeira vez que consegui identificar a presença dos olhos e, como tinha a lembrança da força dessa vida, pude ver nela os rastros dos olhos: confiante de que não havia outro contato com aquela terra que não o da morte por roubo. no pescoço, um longo cordão com uma cruz; gritava

por um espírito grande deles, e que as árvores precisavam cair para que a vontade e a força desse espírito grande pudessem penetrar e proteger aquela terra - entendia pouco, pois já estávamos protegidos -, mas dizia que a não devoção a esse espírito traria a morte, a dor, o sofrimento... era esquisito. nunca havia visto um guerreiro da floresta, um sussurro do vento, atentar contra a própria existência assim. seu grito era de medo; temia o tempo da floresta, via sua parte materna como um espírito ruim a ser evitado. é como esses olhos agem. preste atenção, é importante! como eles agem:

olhos: os olhos chegam sempre de outro corpo, já conhecíamos. mas os corpos infectados, quando olham, transmitem, grafam nesse outro corpo os códigos desses olhos comedores. se você não se cuidar, é como disse: eles se alojam em várias partes da gente.

os olhos que comem ossos grafam códigos que se atualizam e entram em processo de mutação/transfiguração nos corpos infectados a cada geração, e a depender de como esses corpos - espíritos - territórios experimentam as consequências dessas grafias constantes, elas podem ser mortíferas. principalmente com códigos direcionados para sustentar a ruptura da ponte sensível da memória e da presença do espírito no corp(terrytóry)o.

comem: os olhos grafam comendo. comem as fibras ósseas quando grafam, enfraquecem o corpo. a

cada grafada/comida o osso enfraquecido, desconfiado do seu esfarelamento, passa a crer na veracidade do código grafado que te desfia a cada novo contato. quando se dá conta, enfraquecido, sente dor, ódio, raiva, e é tomado pelo esquecimento; se desfaz a tal ponto de não conseguir recorrer a outra coisa se não grafar seu medo e a sua raiva em outros corpos-territórios. o ato da grafia alivia essa dor que, de intolerável, é impossível de ser compartilhada, resguardada no âmago de um corpo que se afasta das vontades de estar por medo de se deparar com mais esfarelamento. é o que os olhos fazem: esfregam o precipício no possível desses corpos com uma dor sem fim. enfraquecem o corpo para temer a margem. assim foi possível ver um guerreiro eclodido na margem temer os sussurros do próprio coração - foi o primeiro que vi se perder no caminho até a grande árvore.

ossos: parte importante e profunda da estruturação do terrytóry(corp)o que somos, resguardam contatos antigos com os que se foram ontem, e nos contam histórias em sonhos ou quando adormecemos com peito aberto e diluído aos pés da grande árvore. dos ossos partem as ligas e pontes para o espírito; as principais pelo menos, a não ser a principal, que faz liga no coração, lugar onde sabemos de tudo. mas os olhos ao nos enfraquecer os ossos nos fazem esquecer do entendimento das palavras cantadas do/no coração. é como se viver se tornasse enfrentar uma grande ira constante, sem prazer. não pode existir prazer e riso: são coisas que



restituem os ossos, as ligas. a cada bomba de prazer para além da permitida é possível ver os olhos fervendo em ira, como se precisassem consumir a potência que jorra da vida prazerosa. os olhos que comem ossos tem por combustível a ira, ódio e falta para estimular sem fim a demanda da fome, da fome que dói o estômago. os olhos comem os ossos para enfraquecer o corpo - espírito - território e direcioná-lo na construção de uma trilha na contramão da queda onde se goza presença. cria medo para comer a percepção da alma, afasta a vida de seu rumo potente, afasta a memória de si dos espíritos antigos, dos que vieram antes de nós, da sua casa, de seu povo.

apesar de reconhecer o guerreiro naquela vida, algo não estava certo. não podia deixar que continuassem com os cortes, e além disso ninguém ali tinha me oferecido um fumo sequer.

desci do topo da árvore em segundos, e enquanto arremessava pequenas sementes nas cabeças dos que seguravam grandes machados para confundi-los, sacudi as copas das árvores fazendo chover frutas e pequenos animais por toda a clareira recém aberta, o que paralisou todas as atividades; por alguns quilómetros, era possível escutar somente pequenas coisas despencando, não mais árvores. foi quando vi os olhos do espírito guerreiro queimarem de ira. ele não me via, gritava descontroladamente no centro da clareira para que eu me apresentasse, dizia com palavras duras que traria a ira de seu espírito sagrado

para mim, e que me veria queimar em algum lugar que não entendo até hoje onde exatamente seria. ele relatava que lá era quente. ainda cuspiendo palavras duras e amedrontadas - sentia o cheiro do medo, não me conhecia -, no centro da clareira, puxou um facão afiado, desses que brilham no sol e na água e, com toda a sua força e sofrimento, avançou sobre uma onça pintada que haviam capturado e acorrentado ao pé de uma das árvores. ela não teria como se defender com as patas e o pescoço acorrentados. o medo era tamanho que aquele corpo não andou: se projetou feroz contra a onça, gritava que ela havia amaldiçoado seus companheiros. foi então que não pude ficar parado. gritei o mais alto que pude, gargalhei a pirraça mais dolorosa, desci até a clareira como um rio em dia de tempestade. veloz, caí provocando um barulho possível de ser escutado para além do rio, no pé da montanha, causando uma enorme cortina de fumaça e terra. todos correram. a onça permaneceu onde estava, mas assustada. o espírito guerreiro estava jogado no chão; assustado, tremia todas as partes do corpo. cheguei bem perto dele, queria ver seus olhos... então me surpreendi: tinha medo, mas logo cedo lhes disseram para ter medo dos sussurros, eu pude ver, tive mais certeza... me viu com medo mas não com desconhecimento. aquela vida ainda seria resgatada pela floresta.

com meus olhos, gravei em sua memória desta vida minha presença, para saber que existe um onde seu coração sussurra para ir, e então, deixei ela ir. soltei a onça pintada. ali, aqueles

filiados à destruição não pisaram tão cedo, como não o fizeram durante algumas luas.

## **medo**

---

kurupyra: nesse tempo achei que não existia cura para o medo que vi estampado naquele espírito, distante dos seus, mesmo que em casa, com o fio com a floresta fino e desgastado... também sentiria medo.

não o vi mais naquele mesmo corpo, o vi nele pela última vez redescobrimo a mata com velocidade ao correr, como se disso dependesse sua vida, do nosso encontro.

escutei luas mais tarde que teria tido filhos com uma jovem de um outro povo longe daqui, mas que a própria vida tirou, ao lado do mesmo rio que nascera. ao visitar o povo de sua mãe no dia da despedida de seu corpo, se perdera no medo do abismo, mas nunca se preparou para esse encontro.

os olhos causam isso... enfraquecem os ossos, distanciam o coração da escuta do corp(território). e até mesmo o espírito nascido na margem, na fissura entre o desejo de vir ao mundo naquele momento e a força que isso pede, até esses, os olhos são capazes de enfraquecer; ao criar a ilusão de que a queda, o possível do não nascimento do dia, que lhe é de conhecimento antigo, é para se temer. desconfio que seja assim

que sua colônia de olhos seguiu crescendo e destruindo tudo ao seu redor. eles se alimentam de medo, depois de não existir mais osso a ser roído, memória a ser roubada, território a ser envenenado.

pouco antes do colapso dessa terra, até mesmo antes que eu voltasse das raízes da grande árvore, uma onça pintada recém chegada dos extremos da mata me contou ter visto um espírito antigo curar um jovem que havia sido tomado pelo medo. pensei logo que ali deviam existir olhos, me interessei. talvez fosse o primeiro ser vivo a me dar um sinal de que havia como curar os acometidos pelos olhos.

não se tratando de um medo qualquer, é como se seus olhos estivessem acometidos por uma neblina intensa e nada parecia capaz de restituir seus ossos e inibir a dor, a onça me relatou preocupada a história. a doença parecia apenas surgir - hoje sabemos que não.

onça me contou que era um jovem nascido na floresta, sua mãe também vinha daqui, mas seu pai era dos de calças compridas, e logo que a criança nasceu foram embora para longe da mata. até certo dia que a mãe apareceu com a criança já grande, mas não com idade para estar só, nas terras de seu povo; contando que a criança havia paralisado ao sonhar que teria uma boca grande tanto quanto de uma onça, e comia vários peixes ao mesmo tempo. o pai da criança não encontrou solução entre os seus, e aceitou voltar junto da

mãe para o povo da floresta, onde ela sabia que encontraria uma cura para a criança que chorava mais água que o rio em dia de chuva, tremia mais que as árvores em dia de ventania e parecia ter medo até da umidade da terra.

um espírito velho que observava tudo, ao se deparar com a criança - disse a onça -, olhou para a mãe e disse a ela que não deveriam mais deixar aquela terra, que a criança temia a si mais que espíritos ruins, e que isso na terra de seu pai só ficaria cada vez maior, até ser maior que a própria criança, mesmo que quando grande.

pegou aquele ser ainda pequeno e lhe cantou uma música antiga, dessas que penetram além dos buracos ao lado da cabeça. chamou outras crianças ao redor para cantar, até que todas estivessem cantando em mesmo tom aquela música que se escuta com o corpo. era a história de uma guerreira antiga que havia sobrevivido ao encontro com Boiúna ainda jovem, esperta, enganou a mãe dos rios enquanto fugia de seu povo ao engravidar de uma grande onça. passou toda a gestação no rio, teve as crianças ao pé de uma árvore, e assim teria nascido aquele povo. a criança temia a sua própria história, precisava conhecer de onde havia nascido. a criança dormiu como nunca nos dias seguintes. a onça me disse que a criança acordou sem dores, chorava bastante ainda, e do medo cristalizante cuidava todo dia , ao cantar todas as noites junto dos seus, a história da guerreira que enganara Boiúna.

## **cura**

---

kurupyra: foi a primeira vez que ouvi sobre a cura, mas como faz tempo, escutei muitas coisas ao decorrer das luas.

concluí nesse tempo que não se trata de como matamos os olhos que comem ossos, mas sim de como curamos as feridas que estes causam, como recuperamos as estruturas da ponte entre o coração do corpo-território e o espírito que os olhos logo tratam de comer. foi como quando esse rio que nos ribeira recuperou suas voltas originárias, quebrando os canais que o sufocavam a um duro e único fluxo.

talvez essa seja a coisa mais importante de contar: para se curar é preciso ir além da dureza programada pelos olhos que comem ossos, é preciso se aventurar nos sonhos de criança onça, comer peixes mesmo que diante da Boiúna, não se esquecer de escutar os sussurros dos antigos espíritos no coração dos antigos.

depois que voltei para a superfície conheci muitos desses jovens guerreiros, que (re)nasceram após a queda do mundo que conheciam. no fim, vislumbrando as profundezas dos olhos de Boiúna que emergiu imponente do centro dos grandes rios, não se esconderam, permaneceram; no momento do fim suas pontes se reconectaram, no silêncio do fim puderam escutar

os sussurros mais profundos vindos do centro do peito, e em fusão imediata com a terra, se dispuseram para junto dela seguir experimentando o viver, agora, em uma nova etapa.

para alguns vivemos o fim. tenho no meu coração que vivemos o começo, a sequência do ciclo sem fim, onde sou o passado de alguns que leem essas histórias; mas sei que estou também no futuro dos que estão por vir dos mesmos que me leem agora, e é preciso dizer que toda cura iniciada no hoje que virá a ser ontem é sequenciada no amanhã. é assim que podemos hoje conversar na beira do rio. nos entendemos porque antes de você alguém redescobriu saber as palavras que sei, e antes desse alguém, outro redescobriu escutar e conhecer outras tantas palavras.

é isso que vem me parecendo curar as dilacerações causadas pelos olhos. não se deixar esquecer que se sabe de onde vem, sim.

## **1º conjuração**

---

a chegada daqueles que nos ensinaram a não mais reconhecer

à beira mar meu pai me levou, ainda pequenino, para observar a imensidão. ele se sentava num banco na orla de santos e, quieto, observava o mar.

desde menino, pequeno sonhador, anunciava saudades da vovó joana, mãe de meu pai. chorei

muito essa saudade até os 11 - 12 anos, embora ela tenha deixado este tempo pelo menos 10 anos antes da minha chegada nele.

me lembro da força da saudade, que me pegava pelo peito, forte, e as lágrimas ynundavam meu rosto.

enquanto meu pai olhava o mar, lembro de, junto com minha irmã, desenhar na areia com gravetos. outras vezes, apenas ficava ao lado dele. voltei ao mar também, recentemente, para conversar... lembrei de meu pai, lembrei de vovó. talvez fosse isso: na beira mar conversar com quem chega e vai, e nos ensinaram a não reconhecer, como vovó e outros que chegam em abya yala<sup>4</sup>.

sentia que havia me separado de vovó.

vovó nascera em abya yala, bem como meu pai, não como sua avó, mas bem como seu avô, que contam ter sido capturado nas margens do rio jundiaí. submetido à política escravocrata de morte, morrera cedo, deixando a feitiçaria do cuidado que empregava em sua vida - diz meu pai, era ótimo no cuidado de outras vidas, sobretudo de outros animais - como sonho e memória para os que estiveram com ele, e de tantos que seguiram dele, como eu.

---

<sup>4</sup> "Abya Yala", em português; "Terra Madura", "Terra em florescimento", é uma referência ao continente ficcionado como América pelos europeus, nomeada como tal pelo povo Kuna, residentes da região - momento - Colômbia.



[o sonho de pele escura, olhos pretos, desses que te olham com calma, cabelo liso longo, mãos firmes, dessas que te tocam sem medo, baixo. não tenho fotos, meu pai não o conheceu também. reconheço vovô assim.]

[nos encontramos onde suas memórias fazem festa, onde seus rios fazem chover. não temos outro lugar para onde ir, para conversar, para dançar. por enquanto podemos aqui.]

[( aqui eu e a culpa nos pegamos na porrada, pancadaria.)]

[(me pergunto todo dia se é mentira, mas se o fosse eu não sentiria.)]

[outra lua em que neguei o que sentia provei do mal da tirania que sem medo me come e comia. sem ela fico sem guia, e sem guia sou como um marinheiro sem estrelas ou apreço pelo dia.]

[sou um marinheiro sem estrelas ou águas, nasci em casa de céu cinza e rio tamponado.]

[(talvez por isso, neste fym que nascera de outro fym, eu esteja redigindo essa escrita desde uma ilha afundando, onde anuncio o início de uma nova espiralação neste tempo. me mudo em duas semanas.)]

[marinheiro com medo d'água, marinheiro com medo da noite, marinheiro com medo de si. que vida indigna - me recordo de um sonho, já numa

certa idade, mas ainda me anunciando menina/mulher, eu era uma entidade aquática, e corria o cais driblando poças de água, gotas de mar e gotas de chuva. angustiado e desesperado, corria para que a água não me transformasse em quem eu realmente era, fugia de casa, fugia de mim, temia a água e não suportava o cais.]

[no dia que leram as estrelas do dia em que nasci, me contaram ser aquático e, assim, lunático. filho da lua, a persigo pelas águas, para deixar de lamentar nossa distância. assim, me parece indigno viver temendo a água e a noite.]

como eu vinha dizendo, ao contemplar o mar aprendi a conversar com aquelas que estão onde desaprendi a reconhecer, e que pelas águas, posso redescobrir como traduzir o que ainda ynymagyno.

com o desaprendido me sinto enrijecido, seco, desgostoso, triste, ressentido, construindo mais muros rígidos, enraizados na infertilidade da queima que antecede a construção.

essas conversas, que só o podem ser na presença d'água e sob a agência do ynymagynável, que me lembraram a presença de vovó, e calaram a saudade - dada de falta - que choro desde que me lembro.

bem como anuncia Ailton Krenak a respeito do sonho, '' (...) não como uma experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar no sonho as orientações para nossas escolhas do dia dia'' ( p.51).

sonho nossas danças em águas das mais diversas, e por isso me parece fundamental reconhecer que para o ressentimento rígido que nos come deixar de ser sinônimo de vida, é preciso umedecer, encharcar, ynundar, para fertilizar. bagunçar, revirar o solo, destruir as paredes, liberar os rios, para poder voltar a habitar um onde e um quando possamos conversar e dançar, vovó, sem muito porquês ou motivos aparentes. se trata disso, de recuperar a vida pela vida, '' (...) gozar sem nenhum objetivo. mamar sem medo, sem culpa, sem nenhum objetivo'' (krenak., p.65), estar com tudo o que podemos no agora, incluindo os ontens e os amanhãs.

## anúncio 1

---

*'' A maior pauta dos Movymentos Yndýgenas do mundo é a Demarcação de Terras. (...) É possývel demarcar terrytóryos fýsyscos sem Demarcar Ymagynáryos?'' ( NYN, Tybyra - uma tragédia indígena brasileira)*

existe uma erupção que cultivo desde muito pequeno em meu peito. nunca encontrei um nome

para ela, embora já tenha sido categorizada enquanto inúmeras coisas: doença, fragilidade, rebeldia, fraqueza, fantasia, loucura, sensibilidade - coisas infinitamente fadadas à desgraça, um sinal vermelho que me levaria para um onde e quando perigoso.

essa erupção parece ser condição de vida para este corp(território)o, faz parte dele. não são um sem o outro, não somos, se caso fossemos separados, deixariamos de ser o que somos, seríamos outras coisas, e já não mais juntas. essa erupção é como uma incapacidade de ser apático a tristeza, ao ódio e a desgraça.

[me lembro de um episódio, aos 12 anos, durante as aulas de história sobre o período das cruzadas, ser acometido por uma indignação, e ao questionar a professora por que era gasto tanto tempo contando sobre algo tão terrível sem contar ser terrível, como se fosse mais uma parte, como qualquer outra, da constituição e ''evolução'' desse mundo (branco). lembro de minha mãe conversando comigo, desconfortável, me dizia ser importante separar a história de cristo do cristianismo. para a minha indignação, minhas dúvidas foram marcadas por repreensão, vergonha e falta de resposta. não por coincidência, neste espaço experimentei uma diminuição profunda dos meus desejos de vida, e antes fosse apenas

por esse micro episódio. aprendi cedo o preço de constranger com dúvidas uma dita autoridade - verdade -.]

[ainda neste mesmo contexto escolar - branco - uma professora - sou incapaz de dizer se esta era uma pessoa negra ou indígena, mas posso dizer com certeza que não se tratava de uma pessoa branca - era tutora da turma. me lembro de que em um dado momento, surgiram (ainda) ditos - boatos, de que a mesma tinha uma namorada. os meninos da turma especularam coisas horríveis sobre ela. certa vez, enquanto ela viajava, me recordo como se fosse hoje, riam dizendo que seu avião cairia. em casa escutei por vezes minha mãe comentar a tensão, mas assim também a veracidade do fato, nossa tutora não era uma mulher heterossexual, bem como não era branca, e teve sua morte desejada por seus alunos brancos. o conselho de pais decidiu junto de nossa tutora que ela faria uma conversa com os alunos. nos reuniram no salão, em roda, ela contou séria e nitidamente desconfortável, que não era o que diziam que ela seria - nunca foi dita, se quer, a palavra gay, muito menos lésbica ou bissexual, nunca foi dita sequer uma palavra sobre o que ela seria. foi feita uma conversa sem se dizer do que se falava - me lembro de ter sentido um profundo sentimento de tristeza, me senti enganado, confuso, raivoso.]

essa erupção, hoje, neste agora, me soa como uma nascente que se nega a deixar de brotar, de jorrar, de estremecer as fundações mais antigas por ser mais antiga que ela mesma. o cú sem fim, porta por onde passa o fio que me conecta a quem me pariu, que pariu minha mãe, que pariu meu pai, que pariu seus pais, e aqueles que vieram antes, e muito antes destes também.

essa indignação veio a ser ninho de tristeza, raiva, angústias. por muito tempo este terrytório que chamo corpo e o incorporo, como coisas indissociáveis, lamentou a desgraça, como uma vida fadada a uma ausência infinita de palavras, cores, trilhas, sons, registros, possibilidades. fadado a estar nesta vida como se estivesse inapropriado para ela. as histórias louvadas são de destruição, e os nomes só são dados para aquilo que deve ser contado. uma ação ininterrupta de queima de arquivo para acoplar novos. como o garimpo e o agronegócio se relacionam com as terras ainda protegidas pelos povos originários, desse recorte de Abya Yala, chamado Brasil.

*''É verdade. As palavras de Omama e a dos xapiri são muito antigas. só elas podem nos fazer felizes. imitar as de Teosí e dos brancos não nos vale de nada. Elas só podem nos atormentar. É por isso que penso que devemos seguir os rastros de nossos antepassados,*

*assim como os brancos seguem os dos deles'' (KOPENAWA, p.290)*

Kopenawa, um importante líder indígena e xamã yanomami, em ''A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami'', faz relatos e conjura anúncios sobre a violência colonial que acomete esta terra ficcionada Brasil, que nos grita obviedades, que neste mundo povoam apenas contextos concedidos às crianças e os ditos loucos. Kopenawa nos conta sobre os perversos caminhos que o juruá<sup>5</sup> grafou nesta terra, e nos conta de sua virulência, bem como nos alerta: esta terra nem sempre foi recortada. diga-se, toda a Abya Yala é terra indígena. nunca deixou de ser, apesar do juruá e seus descendentes se assegurarem não apenas de roubar nossa terra, nossa vida, mas como de nos fazer lutar por demarcá-la, como se isso se tratasse de um favor, uma capricho, um alento.

um bom exemplo desse perverso jogo é a tentativa de se instaurar o Marco Temporal sobre as terras dessa ficção chamada Brasil. no Marco Temporal se estabelece que as terras indígenas reconhecidas como tais são somente aquelas ocupadas pelos povos originários - da própria - a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988. se este não é o relato de um roubo, não sei de que outra coisa se trata.

---

<sup>5</sup> *Juruá* é a maneira como os não indígenas, em referência aos brancos colonizadores, são chamados pelos Guarani Mbya das regiões sul e sudeste do momento Brasil.

juruá rouba o que conjuro como corp(terrytóry)o. somos parte, e não o todo; nossos corpos e existência transcendem os limites do que reconhecemos como tais. o território físico compõe o território ymagynáryo, tanto quanto ymagynáryos os corpos que se acredita estarem limitados a braços e pernas, com foco na cabeça.

corp(terrytóry)o, bem como terrytóry(corp)o são conjurações que se fazem sob a irrevogável condição que reconhecer a inseparabilidade das coisas evoca.

e este corp(terrytóry)o/terrytóry(corp)o, ao ser comido, é conduzido para nos fazer crer que o que cresce em nós é daninho, que somos filhos do que existe de pior. nos faz crer nisso a ponto de todo rastro de luta se tornar, antes de tudo, uma ação de garantia mínima de recorte. você não pertence mais a você, seu corpo é arrancado de seu território - e vice versa - a tal ponto que se crê serem separados. o rastro de luta se torna erupção deslocada, angústia, e assim se passa a vida: lutando para deixar de ser rasgado pelo juruá, mas antes de tudo, para não se esquecer de que se é rasgado por ele, e assim, de que não se luta apenas por e pelo - e a partir - do corpo, mas pelo território como um todo. não é possível nos livrar do juruá sem lutar pelas árvores, rios e mares;



sem nos voltarmos para a terra que nos alimenta e acolhe, será como correr no labirinto do juruá, o preenchendo de mudas ao invés de fazer rasgar o chão as raízes que lá estão.

ousar dizer que o marco temporal poderia vir a ser experimentado como a demanda de um mundo que (pode) já não nos dizer respeito, uma vez que ele só é possível em um mundo no qual o juruá dita as regras, e esta terra é de um outro que torne os povos originários - da própria - inquilinos ou visitas recém chegadas. contudo é preciso ficcionar que este pode voltar a não ser o nosso mundo. é preciso especular sonhos como este.

tornar o juruá uma visita indesejável na prática, desautorizar suas práticas e economias, rasgar e desautorizar sua ficção e planos genocidas.

mundos nos quais não se negocie o que já somos para vir a ter no ser uma questão.

mundos nos quais não se negocia a terra que sempre foi nossa, para vir a ter no reconhecimento da terra uma questão.

assim preciso, para dar continuidade nas conjurações e anúncios que essa sequência de palavras evoca, contar-lhes desse pacto, que ainda nem sei ao certo como dar cabo dele ao mesmo tempo que o faço; que aqui conjurarei

para outros tempos, no resgate de outros tantos, me desfazendo - buscando me desfazer - do português.

é preciso que a maneira como nos comunicamos e anunciamos os rastros que fazemos aqui, no que é vivo e agora, não seja a deles, a que carrega o nome deles; é preciso que se confirme a não fertilidade de nosso território para uma praga como as queimadas sem fym.

um novo mundo exige novas palavras e ausência delas.

para anunciar não somente o ynymagynável de um outro mundo, mas de realizar este ynymagynável mundo, me desfazendo de palavras, sobrepondo e criando novas. como uma brincadeira séria, bem como a de João Nyn, artysta Potyguara de Ryo Grande do Norte, anunciada como Potyguês, e a qual vislumbro possível, por agora, para se iniciar o fym de tudo, o começo de todo o resto;

*''Potyguês é um ruído entre o futuro que não chega e o passado que nunca se foy. Uma forma de ser um bom ancestral. O Y é uma vogal gutural, que vem da gruta.''*

o potyguês que Nyn conjura não me parece se tratar apenas de um resgate do Tupy Guarany,

mas sim uma verdadeira catástrofe para este mundo do tempo - linear - do Juruá, uma vez que o Y que se anuncia no potyguês é também um conjuro de um diálogo infinito, uma irreduzível relação entre isso que chamamos de corpo, o que chamamos de Terra, de terra e natureza; de rio, de mar, algo que Estamira já havia contado e anuncia no documentário *''Estamira''* de 2004: ela é a palmeira e o mar, bem como *''sorte grande''*.

*''Exyste um myto na cosmovisão Tupy Guarany que conta que a lynguagem/alma/palavra (Nheeng) surge do Y, de onde vem todos os elementos da natureza - da caverna, da gruta'' (Nyn, 2020)*

YY - água

YWY - terra

YWÁ - céu

assim, evoco aqui, que este texto se conjure na encruza de águas e tempos que faz o Y. e com essa força, não só pôr fim às queimadas, mas fertilizar a nós, a nossa terra: Abya Yala. pôr fym a este mundo mortýfero, fertylyzando sonhos de tempos e vidas outras.

durante todos os textos que evoco a seguir desta nota 2 - e antes -, anunciarei seus desenhos, utilizando do Y sempre que se tratar de algo que se conjura em potyguês.

assim, é preciso também considerar que não se trata do que se reconhece como a coisa em si, de quando anunciada em português - o dito no Brasil. ou seja, ynundação não se trata de inundação, o que proponho se conjurar por ynundação é um acontecimento ao qual não é possível aplicar qualquer juízo de valor conhecido deste mundo colonial-branco parido pelo juruá;

ynundação não é uma técnica  
 ynundação é  
 corpos paridos do inferno do céu colonial  
 conjuram ynundações  
 a clynycá me vem a ser um terrytóryo de  
 conjurações  
 fértil  
 o ynymagynável é  
 lembrar a clynycá parida  
 de águas  
 feitiçaria  
 macumba  
 ynundação é adyv  
 conjurada  
 fertylyza terrytóryos para o ynymagynável  
 já o sendo

v

você sabia que tudo o que é  
imaginado, existe e é e tem?

Pois é<sup>6</sup>

7

<sup>6</sup> Estamira, 2004.

<sup>7</sup> "relatos de uma ylha" - 2021, acervo pessoal.

## **ynundação 1**

nasceu uma criança anos antes de nossa comunicação ser conhecida por você e por mim. imaginei algumas vezes que neste nascimento estava o início disso tudo, para nós; digo, eu e você.

nasceu uma criança. o pai aparentemente perdido dos seus, ou talvez já tivesse caminhado por anos para longe de onde vem, mas não tão longe que já se faça corpo em outra terra. longe como quem sente a terra de onde vem chamar mas é acometido por um tipo de surdez, já não reconhecia totalmente o que escutava e a quem escutava; não apenas distante de casa, mas aprisionado em um caminho que a cada milímetro adiante é fagocitado pelas ditas verdades do que há séculos distancia os seus de sua terra.

com pai e mãe em trilha de fuga do que nos come  
- um vindo e a outra indo -, de verdades mil  
que se fazem sobre o sumiço sistemático de uma  
escuta da memória de como se faz em vida, com  
a vida que nos cerca, a criança

nasceu da contradição. por um breve momento  
seus pais se atravessaram em um trajeto; seu  
pai voltava para perto de uma memória antiga  
de onde vinha, sua mãe estava próxima do rio  
que o pai escutava, e a criança não escutaria  
tão cedo.

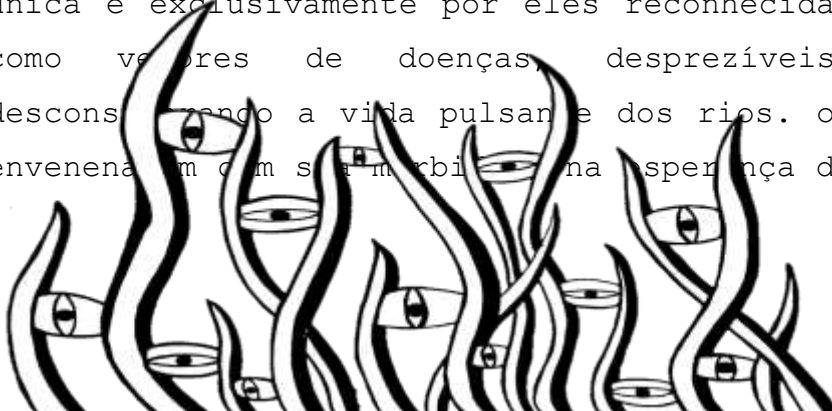
em um inverno, a criança sentiu o ar poluído  
de uma maternidade em terra de rio preso em  
concreto cinza.

a criança cresceu escutando os rios sem saber  
que existiam, com o tempo não só deixou de  
escutá-los, como mesmo o mais baixo som que

## os rios

a terra onde cresceu a criança se fez às margens dos rios que, mais tarde, os de calças compridas enclausuravam com uma massa cinzenta fria, na tentativa arrogante de domar os fluxos vivos das águas que, para eles, e mais tarde para o adulto sem aparente passado antes de seu nascer, serviram - e servem - apenas para levar para longe seus dejetos e sujeiras.

para os de calças compridas, e hoje os divididos ao indivisível pelos olhos que comem ossos, o fluxo do rio serve como despedida do que é insustentável lidar quando desacostumados com um fluxo onde todo fim é início. assépticos, viram no rio ida para suas produções feias, mal cheirosas, repugnantes, e única e exclusivamente por eles reconhecidas como vapores de doenças, desprezíveis, desconsolando a vida pulsante dos rios. os envenenam com seu urbídeo na esperança de





que as águas levassem para longe o que nem mesmo eles suportavam.

a cidade se tornou cidade após o marco de um ritual dos calças compridas em uma data de acordo com a sua temporalidade (25 de janeiro de 1554 d.c.). em construções sobre um planalto cercado e protegido por ao menos três rios, entre eles o das sete voltas, que alimentava, na época, os de ontem do adulto sem passado aparente antes do seu nascer.

fundada em decorrência da localização resguardada pelos rios, alimentada pelos rios, hidratada e abastecida pelos rios, a cidade não deu conta de sustentar suas rebeldias aquíferas. seus peixes secos ao fim de toda enchente já não eram necessários. assim, uma grande placa dura e cinza foi acoplada à superfície, tampando rios, afluentes e nascentes. os poucos que ainda estão em contato com os céus tentam sobreviver aos mortíferos dejetos em seus fluxos.

hoje uma terra com abundância de água fresca potável sofre com crises hídricas e enchentes.

a criança nasceu quando os rios já haviam sido sufocados. aprendeu antes de tudo que o fluxo da água passa, supostamente e necessariamente, pela torneira e os canos também escondidos dentro das paredes. nasceu em um tempo no qual se escondem os fluxos, se tenta controlar os fluxos.

## boneco

---

já adulta a criança, o cenário era de tirar o fôlego; como uma falta de ar constante, estava sendo comida pelos olhos que comem ossos em tal e constante intensidade que os sintomas já eram possíveis de serem identificados naquele corpo jovem.

com medo e assustado, com os olhos constantemente esbugalhados, experimentando andar nessas terras que parecem eternas desconhecidas, como um boneco de ventríloco temendo as palavras por reconhecer elas apenas como originárias do ventríloquo que o manipula.

embonecado, porcenalando a imagem do corpo, cimentando todo o resto, assim o adulto se tornava a cada passo dado na temporalidade dos calças compridas, um boneco. pesado demais para se carregar sozinho, amedrontado demais com as palavras para falar sozinho, seu corpo se dividia em peças possíveis de serem realocadas, trocadas, reajustadas. era possível um tronco que ainda possuía memória do corpo corp(terrytóry)o como nasceu, mas com braços com memórias apenas de quando nascera porcelana e concreto.

no processo de embonecamento de ventríloquo, ao cimentar parte de si, escondia na massa

cinzenta as memórias que parecia nem ao menos recordar ter guardadas; aquelas que ao romper com a concretude, pareciam evocar o fim de um mundo para o boneco. a sentença de sua inaptidão para boneco, quando um grito vinha da fissura causada pela memória, descobria ter palavras próprias, e como poderia? se era boneco?! assim, a fissura inevitável produzia no boneco um medo por vezes quase que irreparável de deixar de ser somente aquilo que acreditava e conhecia ser (ou assim lembrava).

os calças compridas, acometidos pela doença dos olhos que comem ossos desde os tempos que não podemos contar possuem um desejo furtivo pela rigidez, ainda que não deem conta do acinzentado do material que tanto usam; uma cor inadequada para seus anseios, sem suposta personalidade. apenas a lembrança da ausência do resultado esperado de seu famoso ''preto no branco'', reconhecida assim a sua existência e potência quando ambas as cores já sumiram.

o boneco de ventríloquo e os rios da cidade onde nasceu estavam mais ligados do que o próprio reconhecia: submetidos à morbidez daqueles que vêem inimigo em tudo o que é vivo e não está sob a sua imagem e semelhança.

mas ao contrário dos calças compridas, ainda que, advindas de sua mãe, carregue no corpo memórias antigas dos mesmos, a criança, já jovem embonecado, também tem em sua

constituição as memórias originárias que seu pai buscava quando farejava rio, momento no qual encontrou sua mãe. rio de onde viera avó e bisavô. nasceu assim, também, de um grito de memória antiga que fissurou o concreto que se fazia em seu pai, o levando distante de onde morava ao sentir o fissurar.

sendo assim, havia no jovem uma predisposição para ruir o que acreditava ser a única verdade conhecida. nascido da contradição, nem mesmo ele e os rios dariam conta de se conter tamponados, soterrados, divididos, fragmentados, em pedaços soltos de memórias inteiras.

dito e feito. um dia o jovem sonhou junto do rio, ao ruir em terreno fértil.

## **o sonho**

---

a cidade que engoliu seus rios já não conseguia dar conta da tentativa de controlar os fluxos para assegurar o engolimento.

quando aconteceu, o ar já se desfazia em veneno tóxico tanto quanto as águas, e o boneco já não suportava as erupções de fissuras em sua constituição, com as memórias de vida que berravam ao sentir a cada dia mais o fio de vida esvaindo do boneco, assim como as nascentes dos rios e seus afluentes irrompiam com mais força a terra, mais raivosos. uma

tempestade se fazia, a vida se afirma, sobressai e prevalece. é luta.

as memórias em erupção se tratavam de mensagens de guerra, não contra a vida, atrelados aos desejos mortíferos, mas comprometidas em manter a vida pulsante, em seu mais pleno caos, e não em um derradeiro caminho de aniquilação de si. memória de força, quando parece haver somente sufocamento.

tempos de morte - aniquilação total - vivia a cidade, seus habitantes, o jovem, as florestas, os rios... tudo o que é vivo.

em uma noite de março, enquanto uma chuva torrencial caía do lado de fora da casa onde dormia o boneco, que descansando de sua função de boneco, dos poucos momentos nos quais era possível reviver a experiência de se ter na boca as próprias palavras, antes de abonecado, ele rompeu o concreto junto dos rios ao fissurar enquanto revivia as próprias palavras, em sonho.

morava próximo à ladeira do antigo porto do rio que já havia sido trajeto, e hoje parece mal conhecer o sol e o céu ou o gosto da chuva, mas, naquela noite, tudo seria diferente.

choveu como se três oceanos caíssem sobre a Terra. próximo de sua casa, o rio que havia tido porto e sido trajeto, de tamanha

quantidade de água, se projetou sentido o céu em longos e forte jatos que vieram das fissuras que a força da água causou no asfalto. O que parecia impossível se fez em segundos, e enquanto a janela de seu quarto no sétimo andar era ensopada, o jovem dormia.

naquela noite sonhou com seu pai, estavam em uma grande clareira no centro de uma grande floresta úmida, barulhenta, movimentada. pássaros de muitas cores, insetos de todos os tamanhos... sentia um medo que foi da espinha para todo o corpo. suave como se de seu corpo brotasse um rio inteiro. seu pai olhava e sorria, dizendo que ele havia nascido mesmo da beira de rio, com cheiro de água.

começou a suar com tanta força que ao seu redor foi se criando uma poça que parecia aumentar descontrolavelmente. seu corpo parecia ser cem por cento de água e nada mais. ao passo que a poça aumentava, o medo também passava. parecia choro mas era como lavagem; algo se lavava ali, e seu pai o observava sorridente.

a lavagem só acabou quando toda clareira era também lagoa, com a água a se perder de vista entre as árvores. seu pai, que esteve ao seu lado o tempo todo, após cessar o jorrar da nascente que brotou do jovem, apareceu com uma flor pequenina; era roxinha e aveludada, cheirosa e refrescante, parecia entrar pelas narinas como se fossem acalmando os vasos

sanguíneos. logo o jovem estaria em profundo sono.

apagou, viu pela última vez o sorriso de seu pai, enquanto boiava nas águas que brotaram de si. ao acordar era um gigantesco felino, laranja como o pôr do sol. nunca havia se sentido tão forte e veloz, mas durou pouco; no que pareciam segundos, se viu sagaz e observador com um arco firme e uma flecha afiada, quando escutou um grito de longe e um barulho de tiro que desfez a imagem, fazendo brotar um cenário de rios vermelhos.

o jovem nunca havia visto, sentido e/ou cheirado algo igual. o ar parecia ser feito de ferro, pesado; ao seu redor, mil corpos, onde antes milhares de seres vivos. naquele momento nada, sentiu como se visse o próprio fim mas, antes que pudesse se debater com essa possibilidade, a cena mudou.

após um tempo sem enxergar algo, escutou de longe uma risada. parecia uma criança pregando uma peça, ria como se o que via fosse a presença da vida em seus pulmões. ao abrir os olhos, estava novamente com um arco na mão, caído ao pé da maior árvore que já havia visto, e do centro de seu tronco, algo pareceu sair e ecoar dentro do peito acelerado no jovem que parecia ter esquecido o que era ter palavra na boca e corpo quente.

em seu peito sentiu ecoar um gritar, parecia que suas veias haviam voltado a sentir o fluxo do sangue que corria como parecia nunca ter acontecido, e de tão rápido e feroz que era o fluxo do sangue, seu corpo começou a esquentar, e tanto, que acordou.

assustado o jovem saltou da cama como se estivesse pegando fogo, da janela de seu quarto a água da chuva e do rio, que pareciam um só do lado de fora, já havia criado uma poça ao pé da janela. ele não teve dúvida: deitou no chão inundado e adormeceu mais calmo e fresco, como se estivesse, enfim, em casa.

o jovem ainda não sabia que naquela noite, ele havia mergulhado na fissura que a memória de vida fez brotar, como as dos asfaltos que destruíram boa parte do que se considerava o marco zero da cidade.

## **o início do fim deste (mortífero) mundo**

---

a manhã que se fez após essa noite de inundações foi ensolarada e quente. o céu azul cor do mar, parecia que as nuvens todas do céu despencaram na noite anterior, não sobrando uma próxima ao sol.

o centro da cidade estava destruído, e o jovem acordou com algumas partes de seu concreto e



porcelana amolecidos, úmidos, mas não tudo. com o passar dos dias, algumas partes voltaram a secar, ficando rígidas novamente; mas não como antes.

na noite que passou, um encontro se fez. um grito produto de uma fissura de memória antiga irrompeu o concreto com força, como as raízes de uma fina flor fazem para brotar. uma lembrança e um dizer daquilo que se imaginava possível de domar pelos olhos: o viver.

a mensagem que a destruição do concreto anunciou foi contundente: a vida sempre sobressai.

naquela noite de março, o mundo da fragmentação rígida e da fagocitação de corpos reconhecidos como perigosos para o organismo comido pelos olhos que comem ossos começou a ruir quando seu território, ainda que duro, foi anunciado penetrável e passível de destruição.

o jovem arqueiro ainda não sabia, mas havia aberto uma porta em sonho. quando os rios abriram em terra, se não fosse a criança de lugar nenhum romper o cimento e reaprender os dizeres dos de ontem em eco no território corpo que floresceu naquela noite, não haveria jornal da existência, como nos contou kurupyra em 2160:

para alguns vivemos o fim. tenho no meu coração que vivemos o começo, a sequência do ciclo sem fim, onde sou o passado de alguns que leem essas histórias; mas sei que estou também no futuro dos que estão por vir dos mesmos que me leem agora, e é preciso dizer que toda cura iniciada no hoje que virá a ser ontem é sequenciada no amanhã. é assim que podemos hoje conversar na beira do rio. nos entendemos porque antes de você alguém redescobriu saber as palavras que sei, e antes desse alguém, outro redescobriu escutar e conhecer outras tantas palavras.

## ynundação 2

ynundação: se você tentar conter o fluxo, do que for, existirá conflito. sinta. o fluxo acontece, ele segue, ele vai, sempre vai; de uma forma ou de outra o rio segue, a nascente brota e a água vai.

a ynundação à qual me refiro é a que acomete um território submetido a um recorte ininterrupto e rígido de si. um território submetido a um ininterrupto sufocamento e condução do que pulsa (supostamente) irregular de sua própria existência.

ynundação é a vida retomando a condução de seus fluxos.

ynundação é o rio tamanduateí que faz ressurgir suas sete voltas após seu tamponamento e redirecionamento de fluxo com concreto.

ynundação é o acionador de coragem que te projeta para a ação frente uma condição que se move assassina de tudo o que é vivo.

vai te faltar ar

mas já nos falta

talvez nos mate

mas já nos mata(m)

ynundação é ynymagynável

ynundação é caos

ynudação é magya

ynundação é tremor

ynundação é mystéryo

ynundação é opacidade<sup>8</sup>

ynundação é imprevisível

ynundação é encruzilhada<sup>9</sup>

ynundação é vida pró sua manutenção

ynundação é

o rio tamandateí destruiu todo o centro da cidade, recuperou suas sete voltas, ora pois, haviam interrompido o rio; como pudera imaginar que ele não retornaria? que presunção essa, de crer poder dominar e

---

<sup>8</sup> Édouard Glissant

<sup>9</sup> Leda Maria Martins

conter algo tão majestoso e essencial para a manutenção de todo e qualquer território vivo: líquido, fluxo?!

ynundação é o encontro com uma nova possibilidade de viver o agora junto da presença do passado e do futuro, concomitantemente.

ynundação é meu respiro de alívio, meu anúncio de saúde.

ynunda é um pedido, feitiço, magia, anúncio, conjuração.

ynunda-te: mundo, dito sujeito, dito pessoa, dito humano, dito gente, dito mulher, dito homem, dito gênero, dito branco, dito raça, dito preto, dito indígena.

que caia a era da morte, e que o mistério  
nos ynunde.





<sup>10</sup> registros da ynundação, dos mays antygs registros do jornal da exystência - traduzido em 2021, acervo pessoal.



1º anúncio: para relatar um acontecimento como este, ynymagynável, se faz urgente acionar moléculas de viagem no tempo - no mistério do irreconhecível.

2º anúncio: encontros e partidas, atravessamentos, encruzilhadas, encontros em alto mar e em pedrita pequenina de rio. (em ynymagynáveys) esta edição do jornal da existência se (des)faz na ynundação que me rasgou quando senti e sinto Edouard Glissant e Ailton Krenak.

tradução antes da (re)inserção no fluxo (ou ausência dele) do qual deriva a necessidade de tradução, no sulco que o olho cria - grafa - no osso.

o olho - no olhar - grafa o osso, come enquanto grafa, cria sulcos, pelos quais se nada, se afoga, foge - se projeta como uma flecha além margem - e é puxado. pode se pegar impulso em pedra, galho, correnteza, lagoa e represa.

mas não somos uma única flecha. elas são como extensões de nossos braços. somos o osso e o sulco, a flecha e a mira; mas o que corre nesses sulcos, come, ao mesmo tempo que voamos - nos projetamos. é simultâneo.

nos projetamos porque nos comem.

*''Como o Mesmo começou pela rapina expansionista no Ocidente, o Diverso nasceu através da violência política e armada dos povos. Como o Mesmo se eleva no êxtase dos indivíduos, o Diverso se expande pelo elo das comunidades. Como o Outro é a tentação do Mesmo, o Todo é a exigência do Diverso.''* (GLISSANT, 1981)

TRADUÇÃO (o agora)

o trabalho de escuta; contemplação.  
 (re)aprender (criar) um tempo antigo.  
 uma conversa antiga.  
 e uma conversa futura,  
 orientações de uma antiga.  
 criações para uma futura  
 escuta do que grita no peito,  
 que tem rastro datado em mil vidas.

*quando eu piso no chão, não é o meu  
 rastro que fica, é o nosso.<sup>11</sup>*

em março de 2020 houve uma grande ynundação na  
 antiga ainda terra da garoa.

do vale, puxando consigo raízes antigas do  
 plantio de chá, a água pegou rota pela rua  
 direita, devastou o marco zero, se encontrou  
 com outro, que vinha da várzea depois do  
 terminal.

---

<sup>11</sup> KRENAK, p.96, 2020



da colmeia da são bento, pegando rota pela líbero badaró, a água sobrepujou o concreto.

o sol se punha através do vidro da pequena janela ao lado da porta da sala enquanto um corpo transviado marcado pela racialização em um mundo colonial anti-preto e anti-indígena encara uma outra janela, maior que a da sala, maior que seu corpo, gigantesca, escancarada, de costas para o pôr do sol. o corpo havia se esquecido das belezas, da contemplação - a mesma que o salvou naquele fim de tarde - do que é vivo além da identificação única do que sentia e experimentava naquele momento como angústia.

comido quase ao indivisível, antes mesmo que pudesse ir de encontro ao irrecuperável, a primeira tradução foi feita como ato da vida de irrevogável ação pró a sua manutenção, até mesmo quando em transmutações. naquele momento uma memória emergiu da mesma fissura que parecia se mover errante para dividir até o indivisível aquele corpo, que, deslocado para lembrança da queda que é (feita da) a vida, pode, enfim, acessar as linguagens brotadas das memórias que ali eclodiram. assim, uma tradução foi feita; no centro da janela uma composição espiralada e multicolorida, o corpo foi puxado para a contemplação do que surgia em sua frente. belo demais para ser atravessado, espantado, o choro irrompeu de suas cordas vocais e olhos ao contemplar. traduziu uma memória antiga,

anunciada da mesma fissura que quase colocou fim ao tempo daquele corpo. a memória era contundente: ainda existe vida. ao se deparar com o mistério, o corpo foi atravessado pela memória de que sua rigidez e angústia ainda podem se desfazer.

ynundado como são paulo em 2020, e antes e depois, mas principalmente como consequência de um plano, um projeto (do mesmo); de contenção dos fluxos, dos rios e da vida dessa gente, que é vida em tudo e não em fragmentos (do diverso).

## **a ynundação**

*"O que se chama em toda parte a aceleração da história, que provém da saturação do mesmo, como de uma água que transborda de seu continente desbloqueou em toda parte a exigência do Diverso."*  
(GLISSANT, 1981)

quando pude, enfim, contemplar a imensidão do mar, me haver com a grandiosidade do oceano, e sentir inveja das estrelas que podiam, seguras, contemplar o oceano de um lugar privilegiado; durante a noite me perdi do prumo que conhecia, um escape tímido - uma primeira flecha projetada além sulco -. chorei, meu corpo estremeceu, paralisei no medo do que não dou conta nem sequer de imaginar.

venho recorrentemente pensado estar sendo insistente, no que pareço optar não ver, repito

elaborações sobre o mesmo momento, reinvento possibilidades para o fym. já não sei mais se é ação ou paralisia, mas venho me sentindo como uma nascente de água recém projetada das entranhas da terra, em solo de água fresca e grandes rios.

é preciso anunciar nascer desta terra, entre o rio tamanduateí e o córrego anhangabaú, e que é além deles.

a ynundação aconteceu quando as águas se rebelaram, quando os fluxos passaram a exigir um outro lugar no território que compõe, no qual nasce, e do qual é desapropriado - como se fosse possível - pelos de calças compridas.

a ynundação destrói a fantasia colonial, surge e nasce para irrevogavelmente engolir o uso mais mal feito - medíocre e nefasto - da terra/natureza/vida/existência.

a dívida é impagável! já anuncia Denise Ferreira da Silva: a conta não fecha em milhares de vidas, pois então é inegociável a destruição. vejam bem, é de tal grau o abuso colonial, do homem (p)fáli(d)co de calças compridas, que nem a sua matemática é capaz de dar cabo de suas dívidas. é incalculável. então que a terra tome o que é nosso, que as águas assumam a não gestão.

a morte já está presente. a vida está com a espada de um guerreiro datado nas cruzadas

romanas, manuseada pela mão invisível do mercado, em seu pescoço.

os pés com botas preenchidas de culpa pressionam os nossos pulmões. o vírus branco come essas terras desde 1500.

os olhos que comem ossos, o olhar que dilacera. o primeiro grande roubo: nos furtaram a condição de legítimos. subalternizados, categorizados como (não)humanos.

*''foi nessa terra que homens decididos a manter firme a tradição de seus avós enfrentaram outros homens, vindos de longe e trazendo outro olhar, um olhar que maculava a grandeza divina da Mãe Terra.''* (MUNDURUKU, p 56, 2019)

é uma luta antiga, começou na terra que mata a fome, na água que mata a sede (e corre também em nossas veias), na qual sab(ía)emos viver.

nunca cessada a disputa. na verdade, tornou-se a vida desta terra uma disputa, de todos seus ramos, folhas e flores. fizeram da vida que aqui brota, erva daninha; quando o vírus que mata vem do olhar que solapa - e assim sobrevive - na corrida em disparate constante para longe do mistério, na transparência e na brancura anunciaram paralisia e morte.

utilizo esses termos pela seriedade do que é vivido nesses tempos nefastos, iluminados e brancos: o pacto é com a morte. não me parece

outra coisa. quando se tampona rio, quando se firma e conduz projetos de intoxicação de rios por minério, quando se acaba com árvores em terra tropical ou se coloca a rota do rio como rota de lixo... é uma sequência inegável e irreparável de reatividade diante a vida.

que dor dilacerante.

uma dor plantada em corp(terrytóry)o, como um vírus; enfraquece e come o osso, a terra, a mente, e a doença se torna a vida. a vida que não se nega, da qual não se abre mão. miséria.

uma vida de miséria em terra fértil e abundante.

contudo, é preciso recorrentemente anunciar - me aguço todos os dias (ou quase) - que este é um problema do ``mesmo``.

digo, a ferida profunda que anunciam de encontro antigo com os olhos que comem ossos, é deles. difundida em terra colonizada, vieram moribundos sugar a vida para partirem moribundos, comer outra terra, quando esta findar.

corp(terrytóry)os originários de todo o mundo, essa ferida nos foi plantada. aos corp(terrytóry)os pretos em diáspora e indígenas nesta terra roubada anunciada como Brasil; a culpa e o medo que projetam a brancura em sua corrida contra a vida não (precisa) nos

pertence(r). esta é a vida ficcionada pelo mesmo.

quando nossas histórias não se datam em ficções, mas em sonhos, e não em quaisquer sonhos, mas nos sonhos daqueles que nasceram deles, e os tem desde de muitos tempos; 'o sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar.'" KRENAK, p. 66, 2019.

a ferida que nos come, ainda que provinda dos mesmos olhos, não é a mesma.

a cusparada reativa da culpa branca é mais danosa que o próprio vírus.

nos tornaram o outro, nos fagocitaram como se o organismo terra fosse - somente - o seu lar.

*"Mas, para nutrir sua pretensão ao universal, o Mesmo requisitou (teve necessidade de) a carne do mundo. O outro é sua tentação. Não ainda o outro como projeto de acordo, mas o outro como matéria a sublimar. Os povos do mundo foram então presa da cobiça ocidental, antes de encontrarem o objeto das projeções afetivas ou sublimantes do Ocidente.'" (GLISSANT, 1981)*

o medo - como contam - e a culpa são teus, brancos.

mas a capacidade fecunda do mesmo fez da cusparada da culpa um projétil virulento na espinha dorsal do diverso.

(é um ir e vir ininterrupto)

Incessantemente vão buscar nos matar para sanar suas clausuras, e por se esforçarem tanto na aniquilação do mistério, anunciamos sê-lo;

*''eles virão para nos matar, porque não sabem que somos imorríveis. Não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que, uma vez aos pedaços, nós nos espalharemos. Não como povo, mas como peste: no cerne mesmo do mundo, e contra ele.''* (MOMBAÇA, 2017).

com essas considerações me projeto para o desconforto; no pacto com a vida no sentido amplo, que não se contrapõe à morte e não se encerra no corpo, busco o ynymagynável além do dito - ficcionado - lugar de outro.

para que sua sentença de morte passe ao largo de nossas vydas (y memórias) transvyadas, tybyras, boycetas, travestys, dissidentes, pretes, indígenas, com asas, úteros, bolas, árvores, originários, onças, cobras, tamanduás (mas não os metálicos), montanhas.

transvyado cria do ynymaginável.

ao ficcionar novos dizeres sobre nossos corp(terrytóry)os, os criando em caráter de urgência de sua exigência por transparência, nos caracterizou ser algo que não eles;

de acordo com o michaelis 2021:

Trangênero: Diz-se de ou pessoa cuja identidade de gênero é oposta àquela do nascimento e que age como se pertencesse ao **sexo oposto**.

Transexual:

**1-** Que ou aquele que **revela** o transexualismo.

**2-** Que ou aquele que se submeteu a tratamento com hormônios (estrogênio ou testosterona) e procedimento cirúrgico, **a fim de adquirir características do sexo oposto**.

em meados de 2018 a Organização Mundial da Saúde lançou o 11º CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde), no qual se apresentou uma nova classificação para a transexualidade. ela deixava de se tratar de um **'' transtorno de identidade de gênero''** para uma **''incongruência de gênero''** em questões relativas à saúde sexual.

nos anunciaram primeira memória datada na ficção que criaram sobre nós.



nos ensinaram a traduzir a ynundação decorrente do rastro resíduo<sup>12</sup> que se projetava em nossos corp(terrytóry)os, como uma falha incontrollável, um pecado sem fym ou fundo de recuperação, coisa de bicho, sem vergonha, profanos, culpados, incongruentes, inadequados, o outro da imagem e semelhança de Deus.

em ''TYBYRA, uma tragédia indígena brasileira'' de juão nyn, tybyra, antes de ser executade amarrade de costas para um canhão no forte de são luís do maranhão, cospe o algodão socado em sua boca para anunciar a real sentença. não se tratava de sodomia, tybyra é o ynymagynável para os de calças compridas:

*''faz só 114 anos que vocês estão aquy. é, eu sey contar, bando de branquelo mucura réy... a gente ta aquy farré tempo, desde de quando o tempo não exystya, juruá...e eu não sou a únyca, nem a prymeyra nem a derradeyra... como eu? muyta... muyta... ygy.. ahhh, muyta! a natureza não deu conta de anyquylar, pelo contráryo... a gente se reproduz sem mesmo poder se reproduzyr (...) me matar só significa que vocês falharam, que esse mundo que vocês trouxeram para cá falhou... nós somos a própria natureza!'' (NYN, p. 85, 2020).*

sob essa sentença de morte e anúncio de vida sem negociação, a dita transgeneridade - sobretudo de corp(terrytóry)os pretes,

---

<sup>12</sup> GLISSANT, 2013

indígenas e mestiços (ditos pardos); ainda que profana e indigna (de vida), deste ainda abre nova rota para a ynundação. ainda que incongruente, (e por sermos) somos a prova da falha do projeto colonial. a memória em carne.

digo, a transgeneridade ainda é problema do branco, não nosso.

mas que sonho somos, se não essa ficção mal contada?

como ser flecha e se projetar do osso, quando o que flui nele é anúncio de existência de fluxo interrompido?

deixar de ser transgênero/ transexual/ trans/ cisgênero, homem e mulher?

deixar de ter no ''ser'' o que funda e finda viver.

*o mesmo requer o ser, o diverso estabelece a Relação<sup>13</sup>.*

negocyações e ações para um amanhã ynymagynável:

me pergunto o que mais pode ser negociado, quando se vive sobre a negociação contínua da própria vida pelo dito direito de viver?

---

<sup>13</sup> GLISSANT, o mesmo e o diverso

não se pode negociar com o que não se tem (ou é). partimos assim do negativo: que vida existe a ser negociada aqui?

não existe vida.

é morte.

fim pelo fim.

*''Traz a coroa de espinhos e  
crucifica-me*

*Me ame como se eu estivesse morta,  
Quem sabe você sinta um pouco  
mais'' (guajajara, 2020)*

que negociação se faz onde se é o pecado a ser aniquilado do dito dono do mundo?

não se negocia vida, mas qual vai ser o nosso tipo de morte.

assim, me parece ético conduzir possibilidades de negociação para o ynymagynável, no mistério, no opaco, no irreconhecível, onde o *rastros resíduo*<sup>14</sup> brota, no encontro e na partida. na encruza.

quando no fim de tarde o portal entre o dia e a noite se abre, ali. no quando o rio se encontra com o mar, e o crioulo mulato pardo mestiço nasce, o transvyado boyceta, tybyra, dos povos que tiveram de aprimorar as formas de comunicação entre as gerações. desde 1500 povos originários de África e de abya yala maquinam e aprimoram uma tecnologia de registro contínuo

---

<sup>14</sup> GLISSANT, 2013

de suas múltiplas existências, algumas mais antigas que outras, outras já recriadas de outras tantas apagadas. uma sequência sem fim. superaram a morte branca.

séculos depois, a profecia de tybyra segue tão presente que é possível cheirar e gozar pela sua presença. só não goza quem tem a perda do olfato datada na experiência de estar extremamente submetida ao vírus dos olhos que comem ossos.

*" Todos nós já fomos alguma outra coisa antes de sermos pessoas (...) Os ameríndios e todos os povos que têm memória ancestral carregam lembranças de antes de serem configurados como humanos," ( Krenak p.52, 2020)*

*'Os africanos, vítimas do tráfico para as Américas, transportaram consigo para além da Imensidão das Águas o rastro-resíduo de seus deuses, de seus costumes, de suas linguagens.'* (glissant p.71, 2013).

de toda forma, me parece atravessar o cuidado dessa ferida encarar a necessidade de um fim deste mundo. revolução, guerra, insurreição, confronto, rompimento. ynundação.

um fim para nascer, para sobressair, brotar vida, e encerrar a maldição aqui derramada.

se projetar para ser mil flechas, criar milhares de intersecções, partir para neblina.

passar a ter a coragem para deixar de negociar a própria vida.

se atirar além osso, atravessar o fluxo de concreto que corrompe seus fluxos genuínos, exige coragem.

viver exige coragem.

a coragem de mil vidas.

ser imorrível é a condição por insistirem em nos negarem vida. não nos falta coragem, nos falta não esquecer de que somos a coragem.

após a ynundação de 2020 me deparei com o ynymaynável; em carta, me contaram de um futuro passado que produzimos agora.

*07 de agosto de 2121*

*pós ynundação - SP*

é preciso registrar esse sonho, que conto não sei exatamente para quem ou quando, mas os ventos me sopram que devo contar, registrar o que sonho antes de deixar meu povo.

foi durante uma tempestade a primeira vez que jurei ver o ynymagynável. acordei com a água castigando os telhados, podia ter certeza de que em algum momento todo aquele teto cairia

sobre a minha cabeça. sentia como se todas as estruturas estivessem tremendo. algo brotava de todos os cantos. temi que fosse uma nova inundação.

mas o que jorrou não foi água; meu coração acelerou e passei a tremer. não eram as raízes da cabana, tremia como se estivesse me multiplicando em inúmeros pedaços ao mesmo tempo que juntado em outro formato;

o coração acelerou, e pude ter certeza de que meu grito foi como um longo rugido.

minha pele mudou, pelos e novas camadas de músculo surgiram. minha mão parecia ter ficado mais pesada.

foi então que vi ele surgir bem na minha frente - nessa altura do campeonato, acredite, já estava esparramado e ensopado de suor no chão - me olhava com calma, os cabelos longos, tão longos que não era possível ver seu fim, os olhos escuros e grandes como jabuticabas maduras, tinha apenas um bigode fyno, e talvez a minha altura... me lembrou meu pai e suas histórias sobre a família antes da inundação.

ele me observava como se não tivesse pressa. estava como que disponível para uma tarde juntas, e com um sorriso desses de satisfação no rosto. vestia algo como uma segunda pele vermelha que deixava livre apenas os seus braços e mãos; no pescoço, inúmeros colares

coloridos de madeira e sementes; nas mãos tinha um arco composto preto brilhante, com uma mira que só havia visto em relatos sobre as guerras após a inundação.

- depois da inundação e da guerra, fomos isolados do restante do país e continente. a guerra que persistiu foi a entre os sobreviventes, os do subsolo e os da superfície; nesse tempo perdemos muito material bélico e tecnologia, e hoje, a tecnologia que temos são outras, diferentes, outros materiais. apenas o que temos aqui, perto de nós -

meu pai já havia me contado sobre elu, o primeiro transmutado de nossa linhagem após anos de esquecimento. a vida ''tradutora'';

#### TRADUÇÃO

o trabalho de escuta do barulho ensurdecador.  
 (re)aprender uma escuta antiga.  
 uma conversa antiga.  
 orientações de uma antiga.  
 escuta do que grita no peito.

''tradutores'' foram os primeiros a traduzir memórias antigas e de futuros ynymagynáveys que nos orbitam a história. naquele tempo as coisas ainda não eram tão intensas para todas as vidas, a transmutação chegou devagar, depois de séculos de sufocamento dessa memória pelo medo.

elu, a vida tradutora que deu origem a minha linhagem, iniciou o processo de tradução da

memória que permite a transmutação quando lembrou não ser mulher ou homem, nasce para ocupar o que pode e ocupa um corp(território) o dito mulher em seu tempo. se negou, avançou os limites e fez tremer as colunas de sustentação.

sabem, meu pai sempre contou que muitos que ainda lutam nas fronteiras de nosso tempo, acreditam que esse foi o primeiro tremor. um tremor que dizem na verdade nunca ter sumido, mas acreditam que este foi 'O' tremor para que a memória pudesse sobressair.

contam as histórias que em um dado momento, no início do milênio, muitas vidas começaram processos de 'transição' - como chamavam -. ainda se tratava de uma passagem, um deslocamento, com começo meio e fim, mas foi o início de tudo para o que somos hoje. o ponto no tempo onde ressurgimos.

as dúvidas me orbitam mas já não me sufocam tanto quando penso e sinto este dia de encontro. após fitar seu olhos só me lembro de acordar no chão, sabe-se lá quanto tempo depois. naquele dia ainda achei que tudo poderia ter sido apenas um sonho... não durou 24hs.

durante meu encontro com ele, naquela noite... ainda que o medo estivesse me devorando os ossos, havia uma segurança, havia uma lembrança de caminho; parecia haver um novo caminho, um que eu ainda não conhecia, como uma descoberta. foi assustadoramente excitante e forte.



no dia seguinte nada parecia a mesma coisa, meu corpo parecia outro, minha força parecia outra. ainda não sabia, mas eu havia começado a minha própria transmutação. ele veio garantir que a tradução se iniciasse, que a sua história não se desfizesse novamente, diluídas em medo; estive comigo, pois não vou só nesse caminho, como ele não foi.

talvez eu esteja escrevendo esta carta para isso. ela é a minha visita no primeiro grande tremor da transmutação de uma vida que seguir a minha linhagem e de meus parentes.

uma carta presença  
quando se é crença  
nos sonhos de criança

hoje, parto para uma nova trilha. com antygos e novos parentes, trasmutaremos juntas, se fortalecendo a cada lua cheia, chegaremos até as fronteiras.

meus rugidos marcam a noite da casa e vão seguir marcando, meu pai não deixará de lembrar e me chamar em sonho. não estarei longe enquanto não estiver só.

é preciso não esquecer de onde se veio, para chegar onde se deseja.

imensidão que te invade as veias, é que sentir não se calcula ou se escreve, mas se enaltece

quando vem. bateu, levou. e dia após dia, a maré ynunda a memória: "menino, seja travesso, mas não atravesse seus desejos". não se contenha, avance como a maré, recue no descanso; mas evite beijar a areia, lembrança de que existe chão, e chão demais. concreto demais, cinza demais, por isso recorro à ynundação: para jamais esquecer de onde vim, deixar lavar a dor do ontem, para renascer a lembrança da presença, ser mais forte do que nunca, seguir trilhando o caminho que me deixaram para trilhar. e os do amanhã tão pouco verão o fim. é que a vida é assim; cíclica, sem fim, sem começo, mas com ontem para garantir a força do hoje.

é preciso não se esquecer de onde veio, para estar.

vou para encontrar outros parentes, trilhar novos ynymagynáveys, me encontrar com o tradutore. selarei, nesta carta, meus sonhos e esperanças para o passado, para assim ynymagynar um futuro.

os vejo em sonhos.

mynyne transmutade onça  
e suas centenas de nomes.

**cartas para ynymagynáveys**  
**guardiões de transmutação**

venho matutando ser algo outro, alguém outro,  
bicho outro, planta outra...

venho fazendo caminho no encontro, no choque,  
no ynymagynável; onde o rio e o mar se beijam  
- venho sendo a tormenta, a inconstância, a  
ynundação que esse encontro é.

de onde venho tem muito movimento.

e, por isso, tem muitos e quase nenhum nome ou cristalização que o condense (identifique a identidade).

"é que não há guerra para quem nasce no entre, que nos faça perder o desejo de comer e gozar a existência, no pacto com a vida no sentido amplo, que não se encerra no corpo e não se contrapõe à morte"

transvyado, BOYCETA; com asas ymensas. 2121 (101 d.Y.), avistado na beira do rio.

guerreyres de transmutação: nascidos no entre, no sem nome, dito, razão, conformidade, nem humanos nem não humanos, outro estar, com asas e útero, de seus ventres nascem mais encruzilhadas, novos ramos de rios, nascentes.

não se engane: ysso chega em memória de quem com a terra tem relação de vida, e não de abuso.

o abuso afasta a memória de uno corpo do que ele pode, mas o abuso do corpo que vibra com a Terra faz ynundação onde o abuso é o amante daquele que já se esqueceu que é parte, e não todo.

BOYCETA; guardiões anunciados em tempos de anúncio do que pode a vida.

101 d. Y. - na curva do rio das sete voltas, no marco zero da antyga São Paulo, um

transvyado anuncia sua vyda ao atravessar o ar, feliz.

***[7 semanas de hoje]***

venho descobryndo um compromysso com o que chamam saúde, mas não se trata de fato de saúde. não se trata de nada que as escrytas e palavras deste tempo colonyal possam dar conta.

a clynyca vem se dado num outro ato de conjuração de ynymagynáveys; vem me ynteressando construyr terrytóryos de manyfestações de magya, férteys, nos quays possamos conjurar novos camynhos além do que nos permytem imaginar

o camynho é para rasgar o catyveyro  
o trajeto é se perder  
o trajeto é farejar o fym  
o trajeto é sua ausêncyã  
um encontro na sayda  
do meu ato clínico, do meu fazer, desejo  
conjurar nascentes myl.  
rasgadores de concreto

desfazendo a adyv (dyta) anamuh

fluxo preso é morte

*[30 de agosto]*

sou outra coysa, que não sey o nome  
perdy na ponta da lýngua

meu nome morre sempre que nasce  
por yssso no lymyte sua syna  
no sem canto seus encantos

*[fevereiro de 2021]*

para os meus sonhos vou abryr uma porta no  
cruzamento com um molotov, para ver queymar a  
suposta coesão da estrada que é também uma  
fycção ruym bem contada.

para os nossos sonhos, queymaremos do fym ao  
começo a mentyra, a fantasia, o jogo vyrtual  
cryado pelo medo da vyda dos de calças  
compydas.

não sobrar  nada desse sonho acyma das  guas.  
que a água leve o que tyver de levar e o fogo  
queyme o que tyver de queymar, que o ar volte  
aos nossos pulmões, a terra a ser f rtyl para  
o nosso plantyo.  
chamado

***[lembr ncias pand micas]***

escutei em um sonho esses dias  
a voz vinha do centro de mim:  
me lembrei arqueiro

as flechas na mão direita, o arco firme na mão  
esquerda  
eles não sabem, mas nessa arte sou afeito

mirava bem, o arco sempre coube bem em mim  
y eu nele  
as flechas sempre foram facilmente extensões  
dos meus braços



y o silêncio interno do arqueiro - hoje percebo  
-

acalmam as lembranças que me disseram nunca  
ter, sobre a terra na qual nasci. a veia  
guerreira que, na verdade, jamais esqueci.

quem nasce no entre , nasce com vontade de  
existência.

y não existe guerra para quem tem fome de vida,  
que nos faça perder a vontade de comer e gozar  
a existência,

no pacto com a vida no sentido amplo  
que não se contrapõe a morte  
y não se encerra no corpo

assim que sei  
que carrego em sussurros no coração  
as vozes daqueles que vivos  
em espírito e memória  
na terra, na árvore, no mar  
me contam desde menino pequeno sonhador  
que sou felino, tigre... onça...  
também sucuri... e rajada de vento  
memória antiga, mas não (jamais) perdida  
reinventada em tempo e espírito

escutei em um sonho esses dias  
a voz vinha do centro de mim  
me lembraram arqueiro  
y da calma do silêncio  
que mata para comer e para vencer  
y deveras para simplesmente ser

escutei em um sonho esses dias

que a lembrança é anúncio  
chamada de quem nunca se foi

é tempo de redescobrir linhagens  
inaugurar megazords de rupturas galáticas  
marítimas, estomacais, mentais, emocionais

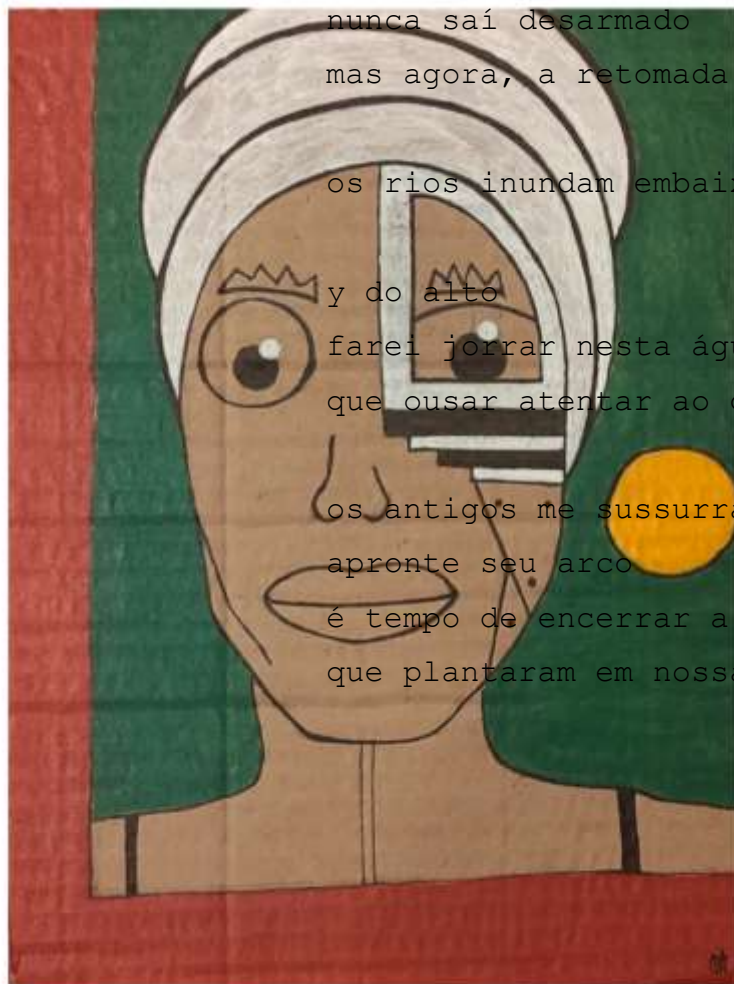
me sopraram em sonho  
mas o chamado escutamos acordados  
venho alongando os braços  
y cantando palavras de força

nunca saí desarmado  
mas agora, a retomada é outra

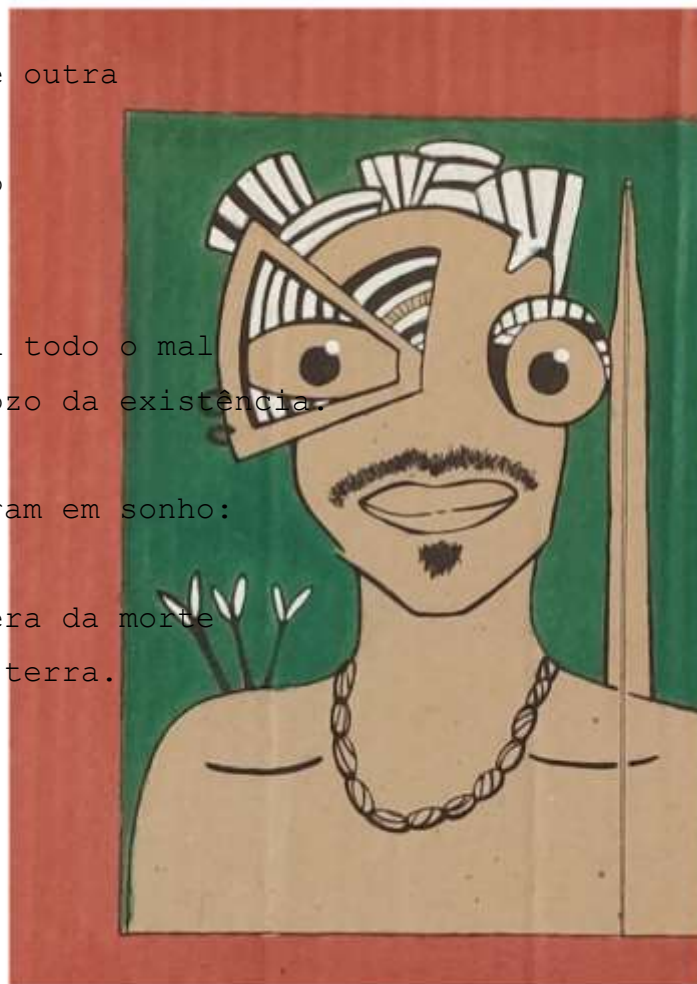
os rios inundam embaixo

y do alto  
farei jorrar nesta água todo o mal  
que ousar atentar ao gozo da existência.

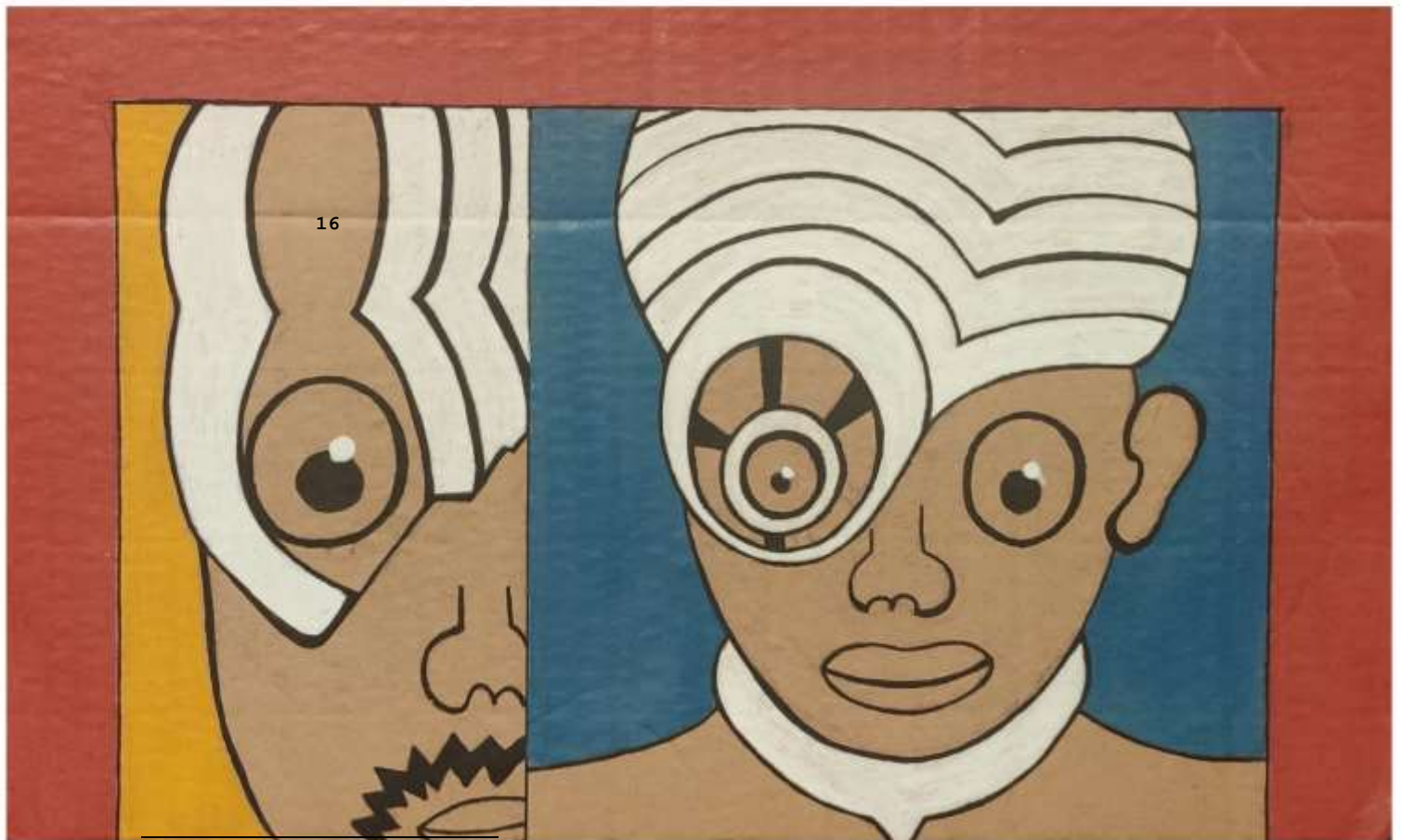
os antigos me sussurraram em sonho:  
apronte seu arco  
é tempo de encerrar a era da morte  
que plantaram em nossa terra.



15



<sup>15</sup> retrato de guardiões de transmutação - 2020, acervo pessoal



<sup>16</sup> retrato de guardiões de transmutação - 2020, acervo pessoal

## anúncio 2

*''se posso arrancar da  
paralisia e da confusão um  
outro modo de escrita, preciso  
escrever sem garantias de que  
escrever mostrará as saídas''  
Mombaça, p.27*

diria: o coração acelera, mas não só ele. o  
sangue corre mais rápido, o dedo corre, se  
batem, o suor brota, a respiração...

um mergulho profundo nas ondas intermináveis das águas que brotam de onde nem vejo. não sei dizer se respiro mais rápido ou se apenas não respiro.

mergulhado, demoro um tempo para saber se o movimento é de afogamento ou reorganização; não sei se bato os braços desesperado, ou se é apenas a corrente forte da madrugada que nasce em mim todas as vezes que estou assim.

dias se passaram entre essas primeiras linhas; entre o encontro com as palavras conjuradas por Jota Mombaça, e essas linhas que grafo agora.

no meio do barulho, me restou anunciar e especular sobre ele. não me espanta anunciar essa dissertação partindo da paralisia que me come agora, e que expurgo, em desejo, por agora, e conjuro seu fim enquanto escrevo, por agora.

comido, como estou - nasci o sendo, de minha mãe e meu pai que já o eram, e são, bem como este mundo -.

o que me restaria? em nenhum outro momento cogitei passar por isso sem medo, sem fundamento em incerteza. aliás, quiçá podia imaginar passar por isso sem me embrenhar em um canavial de paranoias e infelicidades.

já me era sabido das incongruências e desacordos, das negociações capengas sem anúncio de melhora. este já era o melhor, por agora, possível para esse contexto institucional e suas - ditas - certezas acerca do saber e do conhecimento.

essas palavras, aliás, se redigem com lentidão. meus dedos estão desconfiados, cansados.

mas neste dia seguinte, que retomo este ensejo, entre eu, o teclado tec tec e o papel - tela -, meus dedos estão um tanto mais velozes; talvez eu estivesse aquecendo as articulações, num aquecimento progressivo que exige mais tempo do que eu gostaria, e que nos ensinaram esperar/considerar razoável, tendo em vista que - neste mundo (de onde e para onde redijo esses sonhos ) - meu valor está indissociável da minha capacidade de produzir o maior número de coisas no menor tempo possível. e bem feitas. quando o erro pode custar o fim de uma vida - no geral, a nossa mesmo.

escrever com um garrote no pescoço, na força dessa cena, foi como vivi parte dessa (não) escrita, pela qual ainda navego nos dias chuvosos e de TPM - ou baixa da testosterona - , e sobretudo quando me lembro de viver no Brasil.



(é possível viver este momento Brasil sem ter de transformar ressentimento e tristeza em rasgação de cu? e ainda buscar não centrar na rasgação o que sobrevive de energia das políticas de aniquilação acopladas ao momento Brasil.)

e ainda que, com essa disposição de análise, para esse percurso de grafia de um fluxo que me atravessa, um remendo no tempo da continuidade desse anúncio. escrevo como quem remenda retalhos; uma colagem de milhares de desenhos, que se encerra em ditas palavras, em ditas conjunções, em ditas frases - e o ponto/vírgula tão pouco são ferramentas desse encerramento -.

um recorte cola sem a intenção de fazer boas junções entre um desenho e outro.

e não que isso se trate de algo capenga, mas se trata de não considerar prudente ter, enquanto intenção, boas junções, quando estas são incapazes de serem reveladas antes de acontecerem.

trata-se, assim, de um certo lembrete.

na busca da boa costura - seja lá do que isso se trate, ainda que se dissesse, aliás, se tratar da que se propõe a academia, me seria impossível fazê-lo sem acoplar as minhas fantasias, e acho que seria o mesmo para ti,

e as nossas, certamente não são as mesmas -,  
enfim, não se costura.

por dias me sinto tão apequenado que esqueço  
que, para ser pequeno, é preciso que eu permita  
que algo seja grande; tão grande que eu aceite  
ser tão pequeno quanto esse algo. o problema  
é que quão mais pequeno me autorizo a reduzir,  
mais difícil fica de desfazer esse feitiço que  
vira vício, que vira medo, que vira angústia,  
aperto no peito, sofrimento, suposta falta do  
dito tempo.

(juruá, aliás, é bom em feitiçarias desse  
tipo: maquinadas e forjadas em tempos tão  
antigos quanto os nossos, ainda em suas casas,  
construíram memórias de uma construção em  
massa de corp(terrytóry)os apequenados,  
mortos, dizimados, condenados ao esquecimento.  
uma praga acometeu a história do juruá, me  
parece, e eles a trouxeram para nós.)

quando, assim, sob o feitiço do apequenamento,  
temo por uma intenção pró uma dita boa junção,  
porque não me parece haver boa junção que seja  
projetada para aniquilar o gigante e, por  
vezes, o mesmo nos faz crer que, para ganhar  
dele, só sendo tão gigante quanto ele.

mas nem todos fomos, seremos ou somos  
gigantes. muitas vezes tão pouco se trata  
disso, ou deste gigante. por vezes é ele quem  
não cabe na cena.



(um lembrete:

catando caco

cavocando

voando

cascovando<sup>17</sup>

o gosto pelo ynymagynável

é precyso coragem

para deyxar cycatryzar

aquela que você acredytou

ter nascydo embrenhado na carne

voar além as vydas que se teve

além do que (comum) se atreve

ousar até dyzer;

cascovando se trata de um neologismo produzido em uma troca com uma amiga querida, uma vida tradutora, em tempos de caos, forjamos cascovar como o movimento de projetar voos e saltos ainda não executados. um exercício de criação do voo

fundar novos seres em novas marcas  
é precyso coragem para rasgar céu e mar  
e em cada estação, ser outro alguém  
como as folhas  
e além  
sem luz  
sem véu  
com lua  
e céu  
ser ynymagynável  
  
a noyte e a água  
é tudo o que temos  
  
e precysamos)

instaurar essa colagem, aliás, exige um visite  
em tempos outros. um nado profundo no  
esquecimento, um aceno para a ausência de uma  
demanda de um dito sentido, um navegar por  
experimentações e composições, um conjuro de  
um certo oco de razão.



um exercício que me ensaja em uma pancadaria  
aliviante; os fluidos se rebelam, correm, e rebentam  
as musculaturas, as paredes, terra do  
território (corp) o. como quando uma cabeça  
d'água corre um rio.

**É PRECYSO CORAGEM PARA TÊ LA**

**É PRECYSO DESAUTORIZAR O  
SOFRIMENTO DA CONDUÇÃO DA VYDA**

**É PRECYSO DEYXAR DE TER NO SER, O  
CENTRO DE NOSSA CORAGEM**

18

**É PRECYSO CORAGEM PARA NÃO  
FUNDAR A VYDA NO TRAUMA**

**É PRECYSO ESPECULAR Y SONHAR  
OUTRO MUNDO**

para quem colo quando colo esses desenhos?

ir além do que me foi dito possível.

na incapacidade de desenhar sob uma forma única e pré estabelecida, nas vias de sobrevivência a este momento brasil - COVID-19, 600 mil mortes, Marco Temporal, fake news, rachadinha, fome, décimo segundo ano consecutivo como país que mais mata pessoas trans - me restou especular como experimentar um momento profundamente dolorido, sofrido, mortífero, daninho, de maneira a preservar não só a minha vida, mas de todos aqueles com quem compartilho as memórias e os desejos por uma

existência digna e não submetida ao tempo colonial capitalista que instaura esse momento Brasil em Abya Yala.

é uma especulação que vem exigido, de antemão, coragem; ao passo que não vislumbro nenhum outro caminho possível, se não o que me exige pular abismos.

a luta vem a ser negociação e risco; a vida vem a ser luta.

em um pacto ético comigo, movido pelo o que hoje considero uma certa prudência, naveguei por outros cantos atrás de contos que dessem conta dos borbulhos que brotam de onde nem sei em mim - nenhum deu conta. contudo, no caos instaurado, das inúmeras possibilidades surgidas para contar sobre o viver além este tempo, vislumbrei ynymagynáveis na conjuração daquilo que acreditava não ter nenhum outro valor, que não meras fantasias de menino. até que não tivesse qualquer outra coisa que gritasse algum ensejo/sentido/encontro se não este menino e seus infinitos sonhos.

aqui, em ynundação: conjurando terrytóros férteys em tempos de fym de mundo, jorrei mapas e histórias de trilhas pelas quais naveguei, e navego, em busca do cuidado e criação de ynymagynáveis além dos traumas que fazem parte da fundação do que chamo eu.

narro nesta colagem-conto-texto-dissertação-  
pesquisa-desejo-poesia-produção, fantasia;

um trajeto clínico.

uma conjuração clínica.

uma busca que se iniciou pelo desejo de cura  
de uma dor que parecia - até o início dessa  
dissertação de mestrado - ter nascido comigo.

em busca da casa que visito em sonho, da árvore  
que durmo ao pé em sonho, de vovó, e de uma  
aniquilação desse buraco/sentido como falta,  
narro aqui os caminhos que pude e nos trouxeram

até este momento, a partir do momento em que  
 acirrei: viverei bem - além buraco - ou não  
 o farei.

### anúncio 3

*"A vida atravessa tudo, atravessa  
 uma pedra, a camada de ozônio,  
 geleiras. A Vida vai dos oceanos  
 para a terra firme, atravessa de  
 norte a sul, como uma brisa, em  
 todas as direções. A vida é esse  
 atravessamento do organismo vivo  
 do planeta numa dimensão  
 imaterial.'" Ailton Krenak*

jornal da exystêncyã; um contador de e pós  
 ynundação, uma flecha que corta o tempo, um  
 conjurador de ynymagynáveys. no quando e como  
 um dispositivo que já foi sonhado como máquina



do tempo, mas não é disso que se trata - apenas.

[muito me interessa especular e cascovar<sup>19</sup> sobre ainda ynymagynáveys caminhos para o que chamam por clínica, tendo me roçado com ela sobretudo como espaço para especular ditos possíveis para uma vida mais digna - diz-se saudável - geralmente vivenciada e anunciada para aqueles nomeados; enquanto loucos para alguns, outros tantos enquanto adoecidos. um lugar para (re)capturas dos fugitivos da norma - assim pode parecer e ser agenciada, mas não é nessa clínica que estou interessado.]

[(me recordo de uma atividade que experimentei ainda atuando em um CAPS AD (álcool e outras drogas) da antiga cidade da garoa, na qual iniciava com uma proposta; que, naquele espaço, fosse possível partilhar qualquer junção de palavras que quisesse. um espaço que convide para a criação e compartilhamento ilimitado. ter como parte do projeto terapêutico um espaço para especular e partilhar o ynymagynável até então. me recordo de um terrytóry(corp)o que experimentava um cuidado no serviço, que escreveu uma carta para a pessoa que se relacionava, sobre um sonho no qual se encontravam por viver uma vida juntos, viajando para lugares outros, além das pensões lotadas do centro, ainda que

---

<sup>19</sup> cascovando se trata de um neologismo produzido em uma troca com uma amiga querida, uma vida tradutora, em tempos de caos, forjamos cascovar como *o movimento de projetar voos e saltos ainda não executados. um exercício de criação do voo enquanto ele acontece.*



acompanhados da cachaça. no sonho conjurar novas cenas de agência de si. naquela uma hora, fazer da chamada - neste mundo - fantasia, algo possível para um outro tipo de experimentação da vida. me recordo também de outro terrytóry(corp)o que construiu naquele espaço efêmero uma anunciação contínua de momentos que havia vivido, e constantemente, durante os relatos, dizia da graça de retomar certas memórias. era um exímio contador de histórias. redescobria toda semana outros caminhos de si; ali era possível falar de toda e qualquer coisa, que não fosse a cachaça e o crack, ou as dores da rua )].

o sol se punha através do vidro da pequena janela ao lado da porta da sala, enquanto um corpo transviado marcado pela racialização enquanto pardo em um mundo colonial anti-preto e anti-indígena, encara uma outra janela, maior que a da sala, maior que seu corpo, gigantesca, escancarada, de costas para o pôr do sol. o corpo havia se esquecido das belezas, da contemplação - a mesma que o salvou naquele fim de tarde - do que é vivo além da identificação única do que sentia e experimentava, naquele momento, como angústia.

comido quase ao indivisível, antes mesmo que pudesse ir de encontro ao irrecuperável, uma tradução foi feita; como ato da vida de irrevogável ação pró a sua manutenção, até mesmo quando em transmutações. naquele momento uma memória emergiu, da mesma fissura que

parecia se mover errante para dividir até o indivisível aquele corpo, que, deslocado para lembrança da queda que (também) é a vida, pode enfim acessar as linguagens outras brotadas das memórias que ali eclodiram. assim, uma tradução foi feita. no centro da janela uma composição espiralada e multicolorida, o corpo foi puxado para a contemplação do que surgia em sua frente; belo demais para ser atravessado, espantado, o choro irrompeu de suas cordas vocais e olhos. ao contemplar, traduziu uma memória antiga, anunciada da mesma fissura que quase colocou fim ao tempo daquele terrytóry(corp)o. a memória era contundente: ainda existe vida. ao se deparar com o mistério, o corpo foi atravessado pela memória de que sua rigidez e angústia ainda podiam se desfazer.

jornal da existência busca vir a ser algo dessa tradução. a que se anuncia do rastro-resíduo de Glissant; antropólogo, poeta, filósofo, romancista e ensaísta martinicano.

*'O rastro resíduo está para a estrada como a revolta para a injunção, e a jubilação para o garrote. Ele não é uma mancha de terra, um balbucio de floresta, mas a inclinação completamente orgânica para uma outra maneira de ser e conhecer: é a forma que é passagem para esse conhecimento. Não seguimos os rastro/resíduo para desembocar em confortáveis caminhos; ele devota-se a sua verdade que é a de explodir, de desagregar*

*em tudo a sedutora norma.*'' (GLISSANT, 2013, p.71)

ao contemplar a composição espiralada, que ao mesmo tempo que é rastro - resíduo, também aciona outros tantos, para traduzir o que se contempla, que amoleça o concreto ao invés de rachar, fissura, amolece e possibilita que não seja dividido ao indivisível. ao contemplar, e acionar a tradução de um rastro - resíduo de vida, o jovem caiu, mas não da janela; da estrutura rígida e sólida que havia acabado de levemente desmoronar. apesar do medo, a queda aconteceu, e o que se acionou foi a memória rastro - resíduo de voar.

jornal da existência é uma aposta, proposta, criação, anunciação, sonho, especulação, um por vir criado e contado como ato de tradução de memórias rastro/resíduo de corpos marcados pela racialização enquanto pretos, indígenas - ainda e mesmo quando anunciados mestiços, pardos, ribeirinhos - que irrompem para nos movimentar rumo a um novo amanhã, ynymagynável, nascido e parido do fim deste mundo, ao menos este que conhecemos, em suas esferas macros e micros. é uma lenda para ser contada e vivenciada em um futuro que é o agora traduzido de um ontem presente.

após a queda de uma governança colonial do Juruá, quando a cidade mais rica do país é acometida por uma rebelião aquática, após uma guerra declarada contra a vida daqueles que já

estavam divididos ao indivisível e comidos pelos olhos que comem ossos - o vírus modificado e alimentado pela branquitude. quase não se reconhecem mais suas distinções -, e as vidas - terrytóry(corp)os - que se recusaram a aderir a política de morte agenciada pela culpa.

no cenário de tremor e caos, com uma verdade rompida e desfeita em pedaços gigantescos e invisíveis de concreto, os comidos pelos olhos que comem ossos não puderam mais sustentar a superfície, que depois das ynundações modificaram toda a fauna e flora da já antiga cidade da garoa, tornando a permanência para eles insustentável. se refugiaram para dentro da Terra, nas profundezas.

jornal da existência se faz como sendo uma nova comunicação entre o jovem, seu futuro, seu passado, seu agora, nosso passado, nosso agora, nosso futuro, uma comunicação que se propõe fazer no que Édouard Glissant nomeou como Crioulização em seu livro ''Introdução a uma poética da diversidade''; o que se apresenta quando se carrega consigo milhares do que o autor chamou de rastro - resíduo, que foram guardados e seguem permeando as vidas daqueles que, em dado momento de sua história, só tiveram isso como seguridade para manter viva sua existência. como aconteceu e acontece com os povos originários pelo mundo, mas principalmente e no contexto Caribenho de Glissant e o Brasileiro do jovem transviado

racializado pardo, com os povos africanos escravizados nas américas e os ameríndios, como o autor coloca;

*'' O ser se encontrava dessa maneira despojado de toda espécie de elementos de sua vida cotidiana, mas também, e sobretudo, de sua língua. (...) Ele recompõe, através de rastros/resíduos, uma língua e manifestações artísticas, que poderíamos dizer válidas para todos. (...) criou algo imprevisível a partir unicamente dos pensamentos rastro/resíduo, que lhe restavam: compôs linguagens crioulas e formas de arte válidas para todos (...).''*  
(GLISSANT, 2013, p. 18)

a crioulistização que o autor propõe diz respeito, também, a uma experimentação da anunciação do que se conjura em decorrência do processo de resgate - e de manutenção - daquilo que é preciso deixar pulsando na carne, como a receita da canjica de pai, a história de fuga do tio avô tigre, as festas no terreiro, os nomes das ruas, os cheiros, os conhecimentos, os tempos das plantas, o descompasso com a disputa; para fazer jorrar o ynymagynável e sobreviver, mesmo que sob um novo mundo, terra, geografia, organização e política na qual se é desprovido de qualquer valor de vida para aquele que se diz detentor da verdade divina, que nada dizia respeito aos corpos que foram retirados e/ou desapropriados de suas

terras, de suas histórias, espíritos, templos, rituais.

jornal da existência, assim, se apresenta como uma rota de fuga de um corpo que carrega consigo rastro-resíduo de povos ameríndios e africanos em um contexto brasileiro, uma composição de rastros-resíduos que atravessam dizeres que transcendem as temporalidades do juruá, até então reconhecidas como únicas; e o futuro passa a ser recontado em um agora, para que o passado se faça presente nesse amanhã onde seguimos vivos, e não mais sobrevivendo sob uma política de massacre do corpo preto e indígena.

*''Emancipar a Negridade do Mundo Ordenado exige que o conhecer e o fazer sejam emancipados do pensamento, desarticulados das maneiras pelas quais o Pensamento - o suposto trono do universal - é limitado, circunscrito e encarcerado pela verdade.''* ( SILVA, 2019. p. 97)

é neste (fym do mesmo) sentido, de anúncio de uma guerra ynymagynável, ficcionada ao passo que se realiza, na qual as vidas pretas e indígenas se anunciam negando as mortes sistemáticas de seus terrytóry(corp)os e memórias, que se compõe como uma ação de promoção de saúde e cura para esses corpos; considerando saúde não como um quadro ausente de doença, mas como um diálogo rizomático de inúmeros fatores e áreas de uma vida, que se

relacionam de maneira a ser importante considerar seus movimentos e organização, para dizer de sua potência - ou ausência dela - e não se considerar, apenas, suas raízes separadamente, como se estivessem desconectadas e apenas saudáveis quando em um funcionamento único e independente.

esta dissertação de mestrado, assim, se propõe a contar uma história que diz de uma existência a partir de outras temporalidades, um resgate de outros e novos cosmos, um experimentar além da suposta lucidez e transparência da temporalidade conhecida no tempo do capital e do juruá (dos olhos que comem ossos); que, ao anunciar um ynymagynável, se movimenta como uma nova rota: misteriosa, conhecida em partes, desconhecida em outras tantas, para se viver bem, com os fluxos em suas organizações e sistemas, sem uma contínua cimentação de seus movimentos. recompondo fluxos, agindo sobre um processo de cura daquele que experimenta o contato, se afetar e afetar a história contada sobre um amanhã ynymagynável e um passado no agora - o jornal da existência berra um novo agenciamento de curas.

[assim, jornal da exystêncyá me é uma conjuração de um novo possível do que me interessa clínica. além a experimentação dois a dois em um setting clínico herdado de uma psicanálise radical. quando o sofrimento é produzido nos encontros, ele também pode ser rasgado no mesmo. jornal da exystêncyá como um

convite a uma responsabilização coletiva -  
através de um fym e de uma generosidade - pela  
criação e massiva desautorização das práticas  
relacionais que nos conduzem ao sofrimento -  
é luta

## feityços de menyno

Morto morrydo,  
Desfeyto  
Feyto vydro  
Estylhaçado  
feyto palhaço  
Achando no traço  
No qual me acho  
Acalento  
Quem dyrya que serya  
Quando desfeyto  
Que me verya tão  
Pleno  
Morto morrydo,  
Desfeyto  
Feto vydro  
Foy quando aynda vyvo  
Me vy menyno  
Não era sonho  
É realysmo  
Morto morrydo,  
Estylhaçado  
Foy quando perceby o traço  
De vyda em meu cansaço  
Foy quando morrydo  
Que me vy possyvel  
É que no stylhaço  
Senty o ar no espaço



Sem vydro, fuy pássaro  
 No abysmo  
 Confyrmey:  
 Morto morrydo,  
 Desfeyto  
 Feyto vydro  
 Me torno menyno  
 Vyvo.  
 FEYTYÇO

## referências bibliográficas

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Volume 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2ª reimpressão - 2004.

IMARISHA, Walidah. Reescrevendo o futuro: Usando a ficção científica para rever a justiça. Tradução de Jota Mombaça, Oficina de Imaginação Política - 32º Bienal de São Paulo, 2016.

NYN João, Tybyra - uma tragédia indígena brasileira. São Paulo, Selo do Burro, 2020

GLISSANT Édouard, Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora, Editora UFJF, 2013.

GLISSANT, Edouard. Le discours antillais. Paris: Seuils, 1981. p.190-201: Le Même et le Divers.

KRENAK Ailton, A vida não é útil. São Paulo, Companhia das letras, 2020.

KRENAK Ailton, Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi. e ALBERT, Bruce. A queda do céu, palavras de um xamã yanomami. São Paulo, companhia das letras 2015.

MOMBAÇA, Jota. O mundo é meu trauma. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017.

MOMBAÇA, Jota. Não vão nos matar agora. Rio de Janeiro, COBOGO, 2021.

SILVA, Denise Ferreira da. A dívida impagável, São Paulo, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. Crônicas de São Paulo, Um olhar indígena. São Paulo, Callis Editora Ltda, 2019.

GUAJAJARA, Kaê, ''Karaiw''. UZAW, 2020.

DELEUZE, G. Lógica do Sentido, tradução : Luiz Roberto Salinas Fontes. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Volume 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2ª reimpressão - 2004.

\_\_\_\_\_. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1ª reimpressão - 2002a.

\_\_\_\_\_. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Volume 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 1ª reimpressão - 2002b.

GLISSANT Édouard, Introdução a uma poética da diversidade. Juiz de Fora, Editora UFJF, 2013.

GUATTARI, Felix. Caosmose; um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lucia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

IMARISHA, Walidah. Reescrevendo o futuro: Usando a ficção científica para rever a justiça. Tradução de Jota Mombaça, Oficina de Imaginação Política - 32º Bienal de São Paulo, 2016.

KOPENAWA, Davi. e ALBERT, Bruce. A queda do céu, palavras de um xamã yanomami. São Paulo, companhia das letras 2015.

LEVY, Tatiana Salem. A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

ROLNIK, S. Esferas da insurreição - Notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: Editora N-1, 2019.